

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Francys Silva Araújo

**AS ARTICULAÇÕES NOMINAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: uma
abordagem enunciativa**

Belo Horizonte
2024

Francys Silva Araújo

**AS ARTICULAÇÕES NOMINAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: uma
abordagem enunciativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso (1B)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Coorientadora: Profa Dra Giselli Mara da Silva

Belo Horizonte
2024

A663a Araújo, Francys Silva.
As articulações nominais na Língua Brasileira de Sinais [manuscrito] : uma abordagem enunciativa / Francys Silva Araújo. – 2024.
1 recurso online (105 f.: il., fots., color., p&b.) : pdf.
Orientador: Luiz Francisco Dias.
Coorientadora: Giseli Mara da Silva.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 101-105.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua brasileira de sinais – Teses. 2. Surdos – Educação – Teses. 3. Aquisição de segunda linguagem – Teses. 4. Enunciação – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Silva, Giseli Mara da. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 419



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

AS ARTICULAÇÕES NOMINAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: uma abordagem enunciativa

FRANCYS SILVA ARAÚJO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 25 de setembro de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador
UFMG

Prof(a). Giselli Mara da Silva
UFMG

Prof(a). Geane Cássia Alves Sena
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof(a). Luciani Dalmaschio
Universidade Federal de São João Del-Rei

Belo Horizonte, 25 de setembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por Luiz Francisco Dias, Servidor(a), em 18/10/2024, às 07:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Luciani Dalmaschio, Usuário Externo, em 20/10/2024, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Geane Cássia Alves Sena, Usuária Externa, em 20/10/2024, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Giselli Mara da Silva, Professora do Magistério Superior, em 22/10/2024, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3575321 e o código CRC B90651E6.

Aos Surdos brasileiros, aos semanticistas e a todos os profissionais e estudiosos que se interessam pelas línguas de sinais e pela(s) Comunidade(s) Surda(s).

Aos meus avós, Maria Miranda e Peri Silva.

AGRADECIMENTOS

Para que eu pudesse chegar até aqui, muitas pessoas caminharam comigo. Muitas, e cada uma de um modo muito singular e especial. Essa foi uma estrada cheia de curvas, bloqueios, desvios e novas rotas. Agradeço primeiramente a Deus e a toda força maior presente em minha vida, que se manifestam de diferentes formas e de modos surpreendentes. Concluir essa dissertação foi vencer, acima de tudo, a mim mesma.

Agradeço ao meu orientador prof. Luiz Francisco Dias pela companhia ÚNICA e muito especial durante este longo caminho. É muito desafiador expressar em palavras o tamanho da minha gratidão pelo seu olhar constante e enormemente sensível, generoso e tão sábio em tantos momentos. Obrigada pelas portas a todo tempo abertas, pela confiança e coragem, e por ter me apontado sempre, de maneira tão firme e positiva, o horizonte no fim do caminho. Aprendi muito sobre a responsabilidade e a essência de ser professora tendo você como mestre e professor. Obrigada infinitamente por tudo, e por ter apostado na língua de sinais comigo!!

Agradeço à Profa. Giselli Mara da Silva, minha coorientadora, por me receber com tanta generosidade, sensibilidade e honestidade desde o PRIMEIRO segundo em que conversamos, e durante todo o caminho. A sua disponibilidade verdadeira e a sua presença sempre tão ética com tudo e com todos sempre me ensinaram a todo momento, e foram uma luz admirável e reconfortante ao longo da caminhada. Obrigada pelo respeito e delicadeza em CADA gesto, pela humanidade e leveza que transformaram e aquietaram o meu coração em todos os momentos. Obrigada sempre!!! Sou uma grande admiradora sua!!

Agradeço muito aos meus colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Enunciar, que sempre perpetuam a colaboração, a escuta e a parceria ética dentro e fora do universo acadêmico. A companhia de vocês sempre me proporciona crescimento e alegria. Agradeço especialmente ainda às amigas Sirlene, Gislaine, Graciele, Rosiveth e Aline, por fazerem com que a tarefa dos estudos ficasse mais afetuosa! Agradeço muito também à querida amiga Priscila, pelo suporte fundamental às vésperas da entrega do trabalho; igualmente à querida Laura, por me auxiliar de uma forma MUITO especial durante a defesa, e ao Nei, pelo envio de pérolas musicais na reta final.

A minha enorme gratidão a minha família por ser a força e o pilar de tantas batalhas e vitórias cotidianas. Obrigada, minha mãe, por ter me apresentado a Universidade através da paixão pelo seu ofício desde cedo, pelo amor e por todos os tipos de apoio que você pôde me dar até aqui. Sem isso, teria sido impossível concluir essa dissertação. Obrigada, minha irmã, por ser uma presença tão especial em minha vida, por me ajudar a sempre ver com amor e humildade cada passo que eu dava. Obrigada, meu irmão e meu pai, por me inspirarem com a coragem. Agradeço ao Marcelo o amor, companheirismo e força durante todo o tempo e por tantas fases.

Agradeço enormemente também a muitas pessoas que apoiaram o meu desejo e me sustentaram de tantas formas até aqui, desde quando o mestrado ainda era um projeto muito longínquo: Flávia Fontenelle, Flavinha Monteiro, Cristina Camargo, Anne, Thaís Godinho, Raíssa Zoccal e Mari míla. Mulheres incríveis! Obrigada, Thiago Conde, pelo resgate tão importante que você me proporcionou com o seu trabalho!

Agradeço aos meus queridos amigos pessoais, que sempre embelezam a minha vida com simplicidade e intensidade! Agradeço ao Gustavo a companhia especial e sensível, e especialmente por ter incendiado, tão generosamente, a faísca que já havia em mim para começar o Mestrado. Sou grata a cada um pela torcida e pelo apoio que me deram, mesmo a distância.

Agradeço à UFMG e à Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) a oferta de um espaço como a Biblioteca 24horas, cuidada com tanto zelo pela equipe das moças da limpeza! Isso me permitiu muitas fugas para momentos de estudos, principalmente aos finais de semana.

Agradeço aos alunos dos cursos de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (Fiei) e Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo), graduações ofertadas pela Faculdade de Educação, nas quais pude atuar como professora de Libras. Obrigada por me lembrarem que o contato intercultural precisa acontecer, antes de tudo, pelo coração. Minha gratidão à Coordenação desses respectivos cursos por me receberem tão bem e com igual afeto!

A todos os professores e pesquisadores, tanto da UFMG quanto de outras instituições, que contribuíram para o meu caminho – Profa. Priscila Dourado, Prof. Robson Cruz, Profa. Luana Amaral e Prof. Jorge Viana – minha gratidão! Obrigada pelos conhecimentos e experiências oferecidos a tantas pessoas que trilham os caminhos da pós-graduação, partilhados de forma tão especial, assertiva e generosa.

Agradeço aos professores do Núcleo de Libras da Faculdade de Letras. Tive a oportunidade de trabalhar com muitos de vocês, o que me proporcionou um aprendizado crescente e dinâmico: Profa. Giselli Mara, Profa. Rosana Passos, Profa. Michelle Murta, Prof. Guilherme Lourenço, Profa. Bárbara Salviano, Profa. Elidéa Bernardino. Agradeço as amigas de trabalho que tornaram a vivência no Núcleo uma alegria diária: Lorena, Eva, Fernanda, Gabriela, Alícia, Dinalva e Athená.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais a formação de excelência, possível a partir do estudo e dedicação de muitas pessoas; à Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), o apoio financeiro para a apresentação de trabalhos em eventos e o atendimento sempre cordial; à Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP) e à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) o auxílio financeiro durante o PIFD (Programa de Incentivo à Formação Docente), fundamental para a minha permanência na pós-graduação; os alunos da Representação Discente, especialmente Rafael Freire, Lorena Mariano e Tânia Brittes, por trabalharem pelos interesses da pós-graduação em meio a tantas outras responsabilidades e desafios.

Agradeço aos membros da banca, Profa. Luciani Dalmaschio, Profa. Geane Sena e Prof. Charley Soares, o carinho e a prontidão com que aceitaram o convite para avaliarem o trabalho. Agradeço muitíssimo às professoras que compuseram a banca especialmente pelo tempo de leitura do trabalho e por apresentarem várias observações, sugestões e provocações feitas com tanto cuidado, respeito e generosidade. Vocês acrescentaram muito à minha experiência de pesquisa! Agradeço especialmente também o trabalho incrível dos intérpretes de Libras Sônia e Marcos, vinculados ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI – UFMG), durante a avaliação da banca.

E, finalmente, e não menos importante, agradeço aos Surdos brasileiros o empréstimo de sua língua para que eu pudesse dar voz a mim mesma.

Felizes (tod)os que ouvem com o coração!
Autoria desconhecida

RESUMO

Apoiando-se nas bases da Teoria da Semântica da Enunciação – SE – (Guimarães, 2018; Dias, 2018), este trabalho tem como objetivo principal compreender como a Comunidade Surda se apropria das redes de sentido que circulam socialmente e materializa corporalmente a significação na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir do conceito de Formação Nominal (FN) e de suas dimensões - articulações subnominais, intranominais e internominais - apresentados por Dias (2018), a nominalidade na Libras é analisada com base nas razões enunciativas que ancoram, em uma arquitetura espaço-visual, a estabilização de um nome ou de um grupo nominal como unidade de sentido na língua. A partir da observação de unidades nominais circulantes em redes sociais e em outros canais de referência para os Surdos - tomando-se como base o conceito de enunciação como acontecimento da produção do enunciado – as FNs coletadas foram analisadas com o apoio do *software* ELAN, utilizado para a captura das sinalizações, e com a aplicação da metodologia das Redes Enunciativas (Dias, 2018), técnica que permite a visibilização dos processos de produção de sentido, que se estabiliza e se condensa em nomes na língua. O referencial teórico no qual se baseia a pesquisa é composto por conceitos como domínio de mobilização (Dias, 2013, 2018), pertinência enunciativa (Dias, 2018) acontecimento enunciativo (Guimarães, 2018), referencial histórico (Dias, 2018), formação nominal e articulação (Dias, 2018). Os resultados qualitativos passam pela compreensão de que as unidades nominais são concebidas a partir de condensações de percepções sociais em distintos cenários de enunciação, a partir de uma outra materialidade linguística. A análise permitiu-nos concluir que a visualidade do sujeito Surdo é um aspecto constituinte na FN, pois a dimensão visual é extremamente imbricada às relações de significação na Libras. Além disso, os vínculos entre a materialidade linguística e as redes de sentido socialmente circulantes no universo Surdo também não ocorrem de modo aleatório, como também não ocorrem nas demais línguas. A pesquisa permitiu-nos compreender ainda como os Surdos (e a Comunidade) se apropriam e mobilizam redes de sentido, significando corporalmente as experiências.

Palavras-chave: formação nominal; Semântica da Enunciação; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

Based on the Semantic Theory of Enunciation (Guimarães, 2018; Dias, 2018), this paper seeks to understand how the Deaf Community appropriates social media, thus meaning how the Brazilian Sign Language (Libras) is employed in social contexts and how it transcends the internet and materializes "corporeally" in the real world, as its main objective. Starting with the concept of the Nominal Formation (NF) and its dimensions - subnominal, intranominal and internominal articulations - as presented by Dias (2018), nominality in Libras is analyzed based on the enunciative reasons anchored in a visual-space architecture, establishing a name or nominal group as a measure of meaning in the language. Starting with the observation of nominal unities making the rounds on social media and in other channels known to the deaf - and using as basis the concept of enunciation as the utterance as predictive of the enunciation, the NFs collected were analyzed with the support of the ELAN software, used for capturing signalling and applying the Methodology of Enunciative Networks (Dias, 2018), a technique that allows the visualization of the process of the creating of meaning, which stabilizes and condenses itself in names in the language. The theoretical framework on which the research is based is composed of concepts such as mobilization domain (Dias, 2013, 2018), enunciative relevance (Dias, 2018), enunciative event (Guimarães, 2018), historical reference (Dias, 2018), nominal formation and collaboration (Dias, 2018). The qualitative results involve the understanding that nominal units are conceived from condensations of social perceptions in different enunciation scenarios, based on another linguistic materiality. This analysis allowed us to conclude that the visualization of the deaf person is a component of the NF because the visual dimension is intertwined with the relations of meaning in Libras. In addition, the links between linguistic materiality and the networks of meaning circulating socially in the world of the Deaf do not happen at random, in the same way, it doesn't in other languages. The research allowed us to understand how the Deaf (and its community) co-opt and mobilize networks of meaning, imbuing, through their bodies, their experiences of meaning.

Keywords: nominal formation; Semantics of Enunciation; Brazilian Sign Language.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – *American Sign Language* (Língua Americana de Sinais)

CM – Configuração de Mão

DM – Domínio de Mobilização

ENM – Expressões não manuais

ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

FN – Formação Nominal

ISL - Língua Israelita de Sinais

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LAS - Língua Angolana de Sinais

LSF – Língua de Sinais Francesa

NGT - Língua de Sinais Holandesa

LP – Língua Portuguesa

LO – Língua Oral

LS – Língua de Sinais

M- Movimento

PA - Ponto de Articulação

Or – Orientação da Palma da Mão

SE - Semântica da Enunciação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – ASL e Libras.....	25
Figura 2 – Parâmetros LS	28
Figura 3 - Parâmetros fonológicos contrastivos	29
Figura 4 - Configurações de Mãos – Libras	30
Figura 4.1 - Configurações de Mãos.....	32
Figura 5 - O Léxico na LS.....	32
Figura 6 - Soletração Manual	33
Figura 7 - Trânsito	35
Figura 8 – PASSAR POR.....	36
Figura 9 – Tela do ELAN	44
Figura 10 – Jogo Soletrando	48
Figura 11 - Linguagem de Sinais - proibição.....	49
Figura 12 - Dia Internacional da Linguagem de Sinais.....	49
Figura 13 - Não fale em linguagem de sinais!	50
Figura 14 – 23 de setembro – Dia Internacional da Linguagem de Sinais	50
Figura 15 - História dos Surdos - da Antiguidade ao fim da Idade Média	56
Figura 16 - Personalidades importantes na educação de Surdos na Idade Modern.....	57
Figura 17 - Personalidades importantes na educação de Surdos na Idade Contemporânea.....	58
Figura 18 - Milan 1880 on the Table (O Congresso de Milão em cima da mesa)	59
Figura 19 - Sinal SURDO^MUDO.....	63
Figura 20 - Sinal SURDO	63
Figura 21 - Sinal SETEMBRO AZUL.....	68
Figura 22 - Sinalização SETEMBRO AZUL.....	71
Figura 23 - Sinal OLIMPÍADAS	76
Figura 24 – Sinal AMPUTAR.....	76
Figura 25 - Sinal CIDADE.....	87
Figura 26 - AGLOMERAR	88
Figura 27 - Sinal VAZIO	89
Figura 28 - Sinal CASA	91
Figura 28.1 - Sinalização CASA.....	92
Figura 29 - Sinalização QUARENTENA.....	91
Figura 30 - Sinal CASA	96
Figura 31 - Sinal TRABALHO.....	96
Figura 32 - Sinalização HOME OFFICE	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Articulações Nominais em análise.....	45
Quadro 2 – Rede Enunciativa com a FN “linguagem de sinais”	51
Quadro 3 - Articulações Nominais (Grupo Temático 1: Cultura Surda).....	61
Quadro 4 - FNs – Rede enunciados descritivos - FNs SURDO^MUDO/SURDO	62
Quadro 5 – FN SURDO.....	65
Quadro 6 - FN SURDO^MUDO	66
Quadro 7 - FN SETEMBRO AZUL (em uso)	72
Quadro 8 - FN SETEMBRO AZUL (O que é e qual a importância dessa campanha?)	74
Quadro 9 - FN PARALIMPÍADAS (ancoragem negativa).....	77
Quadro 10 - FN PARALIMPÍADAS (ancoragem positiva)	80
Quadro 11 - FNs Pandemia (Grupo Temático 2).....	85
Quadro 12 - Rede de enunciados descritivos – FN LOCKDOWN.....	86
Quadro 13 - “EVITE AGLOMERAÇÕES”	88
Quadro 14 - FN QUARENTENA (Dicas para organizar a vida).....	92
Quadro 15 - – FN QUARENTENA – Apae	93
Quadro 16 – FN HOME^OFFICE	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A LINGUÍSTICA E AS LÍNGUAS DE SINAIS	24
2.1 A Língua Brasileira de Sinais: panorama histórico	24
2.2 Língua Brasileira de Sinais: alguns aspectos linguísticos	25
2.3 Morfologia	32
<i>2.3.1 Os Classificadores na Libras</i>	34
3 SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	37
3.1 Conceitos pilares	38
<i>3.1.1 A Formação Nominal e suas Dimensões</i>	40
4 METODOLOGIA	42
5 AS ARTICULAÇÕES NOMINAIS NA LIBRAS E A SIGNIFICAÇÃO - ANÁLISE	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Distintos estudos têm sido realizados no âmbito da Semântica da Enunciação (Dias, 2018, 2024; Guimarães, 1989, 2018) como forma de se observar e aprofundar o olhar sobre as articulações linguísticas a partir dos alicerces histórico-sociais que as sustentam, compondo-as como um *acontecimento enunciativo* na linguagem. Em outras palavras, pesquisas embasadas neste viés teórico buscam responder “como articulamos as unidades da língua para significar?” (Dias, 2024, p.1). Os estudos, então, procuram compreender como determinadas formas de expressão passam a se tornar socialmente pertinentes e como isso se expressa na língua.

No âmbito do grupo de pesquisa ENUNCIAR - Semântica: Enunciação e Forma Linguística¹ – coordenado pelo Professor Luiz Francisco Dias, docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), as pesquisas têm abordado, ao longo dos 20 anos de existência do grupo, essa relação das formas com as redes de sentido sociais que as sustentam em diversos níveis de pesquisa, contemplando trabalhos de doutoramento até pesquisas em iniciação científica.

De modo a ilustrar um panorama geral do que vem sendo desenvolvido, apontamos alguns trabalhos, como o da Professora Rivânia Sant’Ana², que abarca o âmbito textual e traz a escrita autobiográfica como um modo de enunciação dos sentidos, abordando a questão da identidade e do letramento; as pesquisas também já concluídas dos Professores Waldemar Neto e Joana D’arc da Costa³, que tiveram como foco o léxico, por meio da análise de nominalizações socialmente pertinentes relacionadas ao racismo e ao conceito diverso de família do século XXI,

¹ O *Enunciar* (grupo de pesquisa intitulado “Semântica: Enunciação e Forma Linguística”) compõe, atualmente, o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, formalizado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No site a seguir, é possível conhecer melhor a criação e o histórico do grupo, os demais trabalhos desenvolvidos e ainda em elaboração, pesquisadores componentes, eventos realizados, contatos etc.: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/enunciar/>.

² Professora Rivânia Maria Trotta Sant’Ana é docente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A sua tese de doutorado foi concluída em 2013, intitulada como “**Letramento, escrita de si e identidade: um estudo de caso.**” Ela pode ser acessada em <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/enunciar/>.

³ O Professor Waldemar Duarte de Alencar Neto compõe o quadro docente do Instituto Federal do Piauí (IFPI) e sua tese de 2018 tem como título “**As formações nominais em textos sobre racismo e antirracismo: o caso das nominalizações**”. Joana D’arc Rodrigues da Costa atua como docente da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e também na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Defendeu a tese “**Família no século XXI: diversidade na unidade**”, em 2016. Ambas disponíveis em <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/enunciar/>.

respectivamente; o trabalho da professora Claudiene Diniz⁴, que pesquisa nominalizações que vão além do padrão da escrita tradicional – constituídas em *hashtags* – evidenciando como as formações nominais se estruturam no imbricamento com a tecnologia.

Os verbos também têm sido abordados sob a perspectiva da semântica da enunciação. Na tese defendida pela professora Thalita Nogueira⁵, os verbos (relacionados a fenômenos da natureza) são trazidos como aqueles que apresentam uma predicação autonômica, isto é, incorporam as formações nominais (FN) que os retiram do estado infinitivo (como a FN “chuva” que já está incorporada ao verbo “chove”). No âmbito especificamente morfológico, há trabalhos em desenvolvimento que abordam ainda as razões enunciativas para formações articulatórias intranominais.

Com tantos trabalhos que buscaram/buscam compreender o processo da produção de sentidos nos usos da língua como ancoragem para as articulações linguísticas, o *corpora* destas pesquisas tem sido composto por textos orais ou escritos em Língua Portuguesa, língua de modalidade oral-auditiva. A partir do envolvimento da autora deste trabalho com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e uma reaproximação com os estudos do campo da Semântica da Enunciação, iniciados à época de graduação, o interesse em pesquisar como se dá o processo da constituição do sentido em uma outra materialidade linguística – a espaço-visual – foi se tornando crescente. Neste caminho, este trabalho permite uma reflexão sobre como os estudos da Semântica da Enunciação também podem ser aplicados em um âmbito linguístico ainda muito pouco explorado por esta área de pesquisa, ao mesmo tempo em que traz evidências de como uma outra modalidade linguística pode se relacionar com este mesmo arcabouço teórico.

As pesquisas sobre a Libras no Brasil têm crescido ao longo das duas últimas décadas, tendo tido um aumento relativamente recente, constatado a partir de 2006 (Quadros, 2013), ano em que já se percebe o impacto positivo de dois marcos legais realizados no país: a Lei nº 10.436/02, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais

⁴ Professora Claudiene Diniz da Silva é docente na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e sua tese, defendida em 2017, tem como título “**Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**”.

⁵ A professora Thalita Nogueira atua como substituta na Universidade Federal de Minas Gerais e defendeu a tese “**Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa**” em 2022. Para mais detalhes, consultar o link <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/enunciar/>

como meio de comunicação e expressão próprio da Comunidade Surda⁶ do país, e o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta esta mesma lei. Entre as determinações do Decreto, por exemplo, estão a obrigatoriedade do ensino de Libras⁷ nos cursos de formação de professores e profissionais da educação e a criação de cursos de Letras-Libras nos ambientes universitários, visando a formação de professores de Libras e tradutores e intérpretes⁸. A partir de um cenário que passava a subsidiar politicamente então novas ações relacionadas à Comunidade Surda, inaugura-se um campo institucionalmente propício para uma nova abordagem social sobre temas relacionados à “educação de Surdos” e uma receptividade/demanda oficial para a inclusão deste grupo nos espaços sociais.

A partir desta nova conjuntura política, a ocupação dos Surdos⁹ em diversos espaços sociais, tanto físicos quanto digitais, vem crescendo visivelmente, inclusive no âmbito acadêmico. Os novos desafios trazidos por esta transformação social têm sido absorvidos, conseqüentemente, por diversos campos da ciência, gerando mais pesquisas sobre educação especial e o ensino de português como segunda língua

⁶ Aqui estamos considerando Comunidade Surda uma categoria que inclui tanto Surdos quanto ouvintes (pessoas que se comunicam pela língua oral. De acordo com Strobel (2008, p.31), “(...) a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes – membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses em comum (...)” [...] Por outro lado, “povo surdo” refere-se “aos sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.” Nesse estudo, portanto, seguiremos com “Comunidade Surda” em letras maiúsculas, como forma de destacar o conceito e de notabilizar todo o percurso social, histórico e linguístico que essa coletividade tem feito. Temos ciência também de que não há apenas uma Comunidade, de que ela é plural e diversa, sendo constituída pelos sinalizantes (sujeitos sócio-históricos) que a compõem. Nesse estudo, considerando todos esses aspectos, utilizaremos o termo no singular.

⁷ O Decreto nº 5.626, de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436, de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Em seu capítulo II, artigo 3º, o Decreto estipula que “a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.”

⁸ Em seu capítulo III, artigo 4º, o Decreto prevê que “A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.”

⁹ Gostaríamos de fazer um esclarecimento sobre o uso do termo “Surdo” com inicial maiúscula neste trabalho, trazendo aqui as palavras de Ladd (2013, p. XIV): “o termo ‘surdo’ com minúscula refere-se àquele para quem a surdez é primariamente uma experiência audiológica. É usado sobretudo para descrever aquele que perdeu parte ou a totalidade da sua audição durante a vida, seja cedo ou tarde, e que normalmente não deseja ter contacto [sic] como comunidades Surdas gestuantes, preferindo esforçar-se e manter a sua pertença à sociedade maioritária na qual foi socializado. O termo ‘Surdo’ refere-se àquele que nasceu Surdo ou que ensurdeceu cedo (às vezes mais tarde) na infância, para quem as línguas gestuais, as comunidades e as culturas do coletivo Surdo representam a sua experiência primária e a sua fidelidade, muitos dos quais percebem sua experiência como essencialmente semelhante a outras minorias linguísticas.”

para Surdos, por exemplo, assim como investigações, na área da saúde, sobre a eficácia de implantes cocleares para o sucesso da audição. Deste modo, é natural que os estudos linguísticos também avancem para o campo das línguas visuais, a fim de que se possa compreender e reconhecer, de forma mais consistente, os fenômenos linguísticos presentes também nestas línguas.

Apoiando a consolidação de uma perspectiva cada vez mais científica em relação à Língua Brasileira de Sinais, a nossa pesquisa concentra-se no campo da Semântica. Tomando como base teórica central os estudos da Semântica da Enunciação (Guimarães, 2018; Dias, 2018) – e alguns de seus conceitos, como domínio de mobilização (Dias, 2013, 2018, 2020, 2021), pertinência enunciativa (Dias, 2018), acontecimento enunciativo (Guimarães, 2017), e referencial histórico (Dias, 2018), abordados nas seções adiante - este trabalho visa compreender como as redes de sentido sociais significam quando são mobilizadas pela Comunidade Surda e condensadas em formações nominais (FNs) na Libras. Observaremos, portanto, as razões enunciativas que ancoram a estabilização de um nome/grupo nominal (FN) como unidade de sentido nesta língua, pesquisando como as articulações linguísticas (isto é, a relação entre a dimensão formal - a língua - e a dimensão imaterial do sentido para a construção da significação) (Dias, 2018) são concebidas e condensadas espaço-visualmente na Libras.

Tratando a nominalidade (nome/grupo nominal) a partir do conceito de Formação Nominal (FN), outro conceito que será apresentado mais à frente, e abarcando as suas três dimensões – articulações subnominais (relacionadas à constituição temática do nome), intranominais (referentes à produção componencial do nome) e internominais (relativas às formações de grupos nominais), de acordo com Dias (2018), o *corpus* para este trabalho constitui-se de FN's socialmente pertinentes em circulação na Comunidade Surda coletadas em vídeos referentes a situações cotidianas de uso da língua e divulgados por meio de redes sociais e canais públicos e de referência para os Surdos (como *Youtube* e *Instagram*), com usuários sinalizantes fluentes em Libras. A pesquisa por vídeos fundamenta-se por esta ser uma forma muito usual de registro entre os usuários da língua de sinais, justamente por estes lhes permitirem uma via de comunicação e de documentação visual das interações. Os vídeos foram coletados em páginas públicas sem a necessidade de inscrição ou autorização do administrador dos conteúdos para a visualização dos

materiais, o que prescinde avaliação ética ou registro de consentimento, conforme Esnp/Fiocruz (2020, p. 11)¹⁰.

A *organização e análise do corpus* para este estudo demandaram as seguintes etapas de trabalho: 1- estudo inicial do referencial teórico-conceitual para a construção da pesquisa; 2- coleta de FNs registradas e divulgadas voluntariamente por meio de vídeos nas redes sociais com acesso público (como *Youtube*, *Instagram* e outras plataformas digitais), que veiculassem informações em Libras, destinadas à Comunidade Surda; 3- “captura” das FNs selecionadas por meio do uso do *software* ELAN¹¹ para o estudo das imagens, e a posterior aplicação do *Microsoft Paint*¹² para o “recorte” das sinalizações, de forma a evidenciá-las neste trabalho; 4- análise qualitativa e sistematização da ocorrência das FNs, por meio da metodologia das Redes Enunciativas (Dias, 2018), com o intuito de analisar como os sentidos sociais circulantes se materializam na língua e como as motivações sociais mobilizam a condensação de FNs na Libras.

A *hipótese* deste trabalho é a de que os vínculos entre as articulações na Libras (dimensão material – a língua- e a dimensão imaterial – as redes de sentido) não são aleatórias, assim como não o são nas línguas orais. De modo a investigar esta tese, as FNs serão analisadas a partir da *metodologia* das redes enunciativas, como mencionado anteriormente. Dias define-as como um instrumento de análise das relações de significação por meio das articulações linguísticas, isto é, como uma “técnica de demonstração das relações de sentido de um enunciado” (2024, p.18). De forma a explicitar como a enunciação constitui temas que adquirem pertinência enunciativa nos usos da língua, sustentadas por referenciais históricos, este conceito é apresentado de forma mais aprofundada no Capítulo 3.

A *justificativa* do estudo firma-se em dois caminhos: colaboração com os estudos linguísticos sobre a Língua Brasileira de Sinais e, ao mesmo tempo, com o campo teórico no qual se situa, na medida em que amplia o *corpus* investigativo da

¹⁰ Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais. https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf. Acesso em: 01 fev.2024.

¹¹ A sigla ELAN significa *Eudico Linguistic Annotation*. É um *software* foi desenvolvido na Holanda pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck e que permite a análise de duas línguas de modalidades diferentes ao mesmo tempo. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. Acesso em: 02 jul 2024.

¹² O *Microsoft Paint* é um programa que permite edições de imagens com o uso de marcações (como setas, por exemplo) para evidenciar alguns aspectos do conteúdo desejado. Ele faz parte do sistema operacional Windows, o que torna o seu uso comum e acessível.

Semântica da Enunciação e favorece a compreensão sobre como esta mesma perspectiva teórica concebe o processo da constituição visual da significação na Libras. Além disso, e, sob esta perspectiva, um aspecto muito relevante a se considerar é a investigação da LS por ela mesma, isto é, considerando a modalidade espaço-visual como sua especificidade. Desta forma, é importante um olhar que possa contribuir para a elucidação do que é semelhante ou diferente entre as modalidades de língua, fazendo com que as línguas sinalizadas possam substanciar mais os estudos linguísticos (Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2006). Espera-se com a pesquisa que os fenômenos de uso da língua possam ser mais compreendidos em relação aos sentidos sociais que circulam entre os seus falantes, contribuindo assim, não só para os estudos semântico-enunciativos da Libras, mas também sobre outras línguas de sinais, já que estudos semânticos de línguas na modalidade espaço-visual são raríssimos.

A partir da questão norteadora na qual se baseou a pesquisa e já mencionada anteriormente (“como as redes de sentido sociais significam quando são mobilizadas pela Comunidade Surda?”), busca-se, como *objetivo geral* da pesquisa, compreender como a Comunidade Surda se apropria das redes de sentido que circulam socialmente e materializa corporalmente as significações em uma língua espaço-visual por meio das formações nominais. Tem-se como objeto de estudo então as FN's e as razões enunciativas que sustentam as articulações entre a materialidade linguística e as redes de sentido socialmente circulantes neste universo.

Almeja-se também, com esta pesquisa, os seguintes *objetivos específicos*: 1) compreender como a visualidade do sujeito Surdo compõe a constituição dos sentidos na Libras através das formações nominais; 2) compreender o processo de formação nominal nesta língua, atrelando-o ao funcionamento semântico-enunciativo da produção de sentido; 3) compreender como a dimensão histórica dos sentidos e as pertinências enunciativas contribuem para a constituição de nomes/grupos nominais que ancoram o acontecimento enunciativo em sua manifestação espaço-visual.

A dissertação está organizada em 5 capítulos. Após a Introdução, o Capítulo 2 tem o objetivo de apresentar algumas informações históricas e linguísticas sobre a Libras. O Capítulo 3 apresenta o aporte teórico pertinente para a análise e desenvolvimento do estudo dentro do campo da Semântica da Enunciação. O Capítulo 4 apresenta a metodologia utilizada no estudo e as formações nominais coletadas. O Capítulo 5 expõe a análise das FNs, organizadas em dois grupos

temáticos – Cultura Surda e Pandemia da Covid-19¹³ - sob a perspectiva semântico-enunciativa. E, por fim, encerramos o trabalho com as considerações pertinentes, realizadas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, além de alguns apontamentos para outros pontos de investigação.

¹³ A Pandemia da Covid-19 surgiu em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e rapidamente se espalhou pelo mundo, causando mais de 7 milhões de mortes. A doença Covid-19 (do inglês *coronavirus disease 19*) foi transmitida pelo vírus SARS-CoV-2: SARS é uma abreviação do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus*; COV é a abreviação de coronavírus, a família de vírus à qual ele pertence; e o número 2 refere-se a sua semelhança com uma outra espécie de coronavírus que quase virou uma pandemia em 2002, o SARS-CoV (Minas Gerais, 2024). Uma grande dúvida era como o vírus infectou o primeiro ser humano, incluindo possíveis hospedeiros intermediários. Ao fim de março de 2021, a “OMS divulgou um relatório de 120 páginas, desenvolvido por cientistas da China e de outras partes do mundo, que reforçou a origem natural da epidemia. A tese mais aceita diz que o vírus passou do morcego para um mamífero intermediário, e dele para o ser humano. A transmissão de um morcego diretamente para um humano também foi apontada como uma hipótese possível e provável” (São Paulo, [s.d]). Em maio de 2023, a ONU declarou o fim da Covid-19 como uma emergência de saúde pública (Brasil, 2023).

2 A LINGUÍSTICA E AS LÍNGUAS DE SINAIS

Apresentaremos, nesta seção, um breve panorama histórico sobre a Língua Brasileira de Sinais, de forma a apresentar alguns fatos e acontecimentos marcantes, que acabaram por impulsionar a expansão dos estudos sobre essa modalidade de língua.

Em seguida, traremos alguns aspectos referentes à linguística das línguas de sinais, com o intuito de evidenciar o modo visual como a língua se constitui. Ainda que a nossa abordagem teórica para a análise lance mão de outra perspectiva (a enunciativa), acreditamos que os aspectos formais servirão como um alicerce para seguirmos em direção ao tratamento enunciativo da significação visual na Libras. Trataremos brevemente dos aspectos fonéticos-fonológicos e morfológicos, além dos classificadores, tema importante também para a compreensão da constituição de algumas formações nominais na Libras.

Optamos por não explorar as expressões não manuais (ENMs) da Libras nesse estudo, por exigirem um estudo mais detalhado e profundo para o tempo disponível.

2.1 A Língua Brasileira de Sinais: panorama histórico

A Língua Brasileira de Sinais está relacionada com a figura do segundo imperador do Brasil, Dom Pedro II. Em resposta a seu pedido, o professor francês Ernest Huet, que dava aula para Surdos em seu país de origem, veio para o Brasil e trabalhou para a fundação do primeiro Instituto de Surdos-Mudos, em 1857, no Rio de Janeiro, hoje, o chamado INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.¹⁴

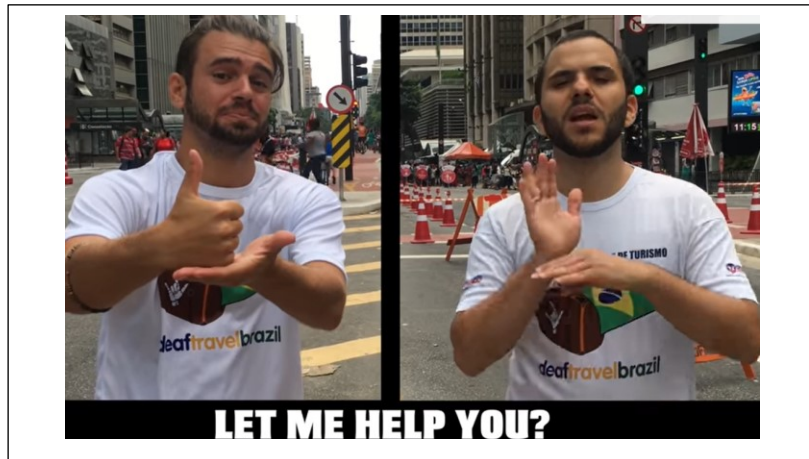
Com este “intercâmbio”, a Língua Francesa de Sinais, por meio de Huet, acabou “interferindo” na sinalização dos brasileiros que já se comunicavam gestual-visualmente (TV INES, 2021). A Libras, portanto, é uma língua de sinais com influência francesa.

Do mesmo modo, mas anos antes, outro professor francês, chamado Laurent Clerc, foi aos Estados Unidos, em 1815, e colaborou para a fundação de uma escola de Surdos em Connecticut. Meio século mais tarde, essa escola se tornaria o que

¹⁴ Hoje o termo surdo-mudo não é mais utilizado para se referir à pessoa que não ouve, seja parcial ou totalmente. Os surdos têm voz, só não costumam falar, em sua maioria, porque não aprenderam a língua oral.

conhecemos hoje como a Universidade de Gallaudet, importante na educação de Surdos. A Língua Americana de Sinais (*American Sign Language - ASL*) também tem origem em sinais franceses, como a Libras. A Figura 1 traz um pequeno vídeo de alguns sinais da ASL e da Libras, apenas como forma de ilustração e curiosidade.

Figura 1 – ASL e Libras



Fonte: Seek the World¹⁵

Dando um salto na história, hoje a Libras já é reconhecida (Lei nº10.436/2002) nacionalmente, e outras ações legais, como o Decreto nº 5.626/2005, já mencionados anteriormente, têm sido feitas para que a acessibilidade dos Surdos em diversos espaços sociais e o ensino da língua de sinais, por exemplo, sejam garantidos em território nacional.

Como forma de conhecer um pouco melhor alguns aspectos da Libras, passemos à seção 2.2.

2.2 Língua Brasileira de Sinais: alguns aspectos linguísticos

Nesta seção, apresentaremos brevemente algumas características fonológicas e morfológicas da Libras, de modo a olharmos inicialmente para o seu léxico, ainda que de um ponto de vista formal (como um produto). O intuito é apenas entender como

¹⁵ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XX3Z2xoHmq4&list=PLVUFob6bx1WOGn1LqwczoaEdh1RSoiCiU&index=30> Acesso em: 18 set. 2024.

os sinais organizam-se espaço-visualmente. Mais adiante no estudo, a nossa abordagem teórica, em relação às estruturas morfológicas, será de ordem enunciativa, compreendendo-as como formações nominais (como um processo).

Assim como o português é a primeira língua de muitos brasileiros ouvintes, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua de muitas pessoas Surdas que vivem no Brasil. Assim como temos diversas línguas orais, as línguas de sinais (LS) também se diferenciam pelo mundo, e estão atreladas às regiões onde são usadas, e não às respectivas línguas orais de seus países de origem.

De modo diverso do pensamento de muitos falantes, as línguas de sinais não são universais, como um sistema de códigos ou mímicas, elas se diferem em relação a aspectos geográficos, culturais, sociais etc, como qualquer outra língua. Assim, temos a ASL, a LAS (Língua Angolana de Sinais), a NGT (Língua de Sinais Holandesa), Língua Israelita de Sinais (ISL), entre outras. No Brasil, além da Libras, há outras línguas de sinais usadas por Surdos em comunidades isoladas e por etnias indígenas.

No entanto, nem sempre na história houve um reconhecimento do *status* linguístico dessas línguas. A comunicação entre ouvintes e Surdos já foi muito precária ao longo de séculos passados.

Com os estudos sobre a ASL realizados pelo linguista americano William Stokoe (1919- 2000) em 1960, nos Estados Unidos (um marco histórico quando tratamos de línguas de sinais) e outros desdobramentos exploratórios consolidados no Brasil por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), percebeu-se, alguns anos depois, um movimento de abertura investigativa às línguas de sinais, que gerou – e vem gerando gradativamente -, novas pesquisas acadêmicas, entre publicações de dissertações, teses, artigos e livros (Quadros, 2013), além de um aumento no campo de atuação dos profissionais envolvidos com a língua de sinais.

É importante dizer que, na medida em que novos estudos foram sendo consolidados e divulgados, Surdos e profissionais envolvidos com a surdez, de um modo geral, foram tendo mais respaldo para buscarem o reconhecimento legal da Libras no Brasil. Assim, as legislações vigentes (Lei nº 10.436/02 e Decreto nº 5626/05), já mencionadas no início deste trabalho, são frutos recentes de estudos e pesquisas sobre as línguas de sinais e de uma história de luta pelo reconhecimento da identidade e cultura surdas.

Essa língua espaço-visual, própria da Comunidade Surda Brasileira, é uma língua com gramática e estrutura próprias, composta por propriedades linguísticas como qualquer outra língua natural, podendo ser estudada em seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos (Quadros; Karnopp, 2004).

“Com relação à fonologia, os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51). Um sinal pode ser executado com uma ou duas mãos, com a direita ou com a esquerda, sendo a mão dominante a escolhida para a sua melhor execução.

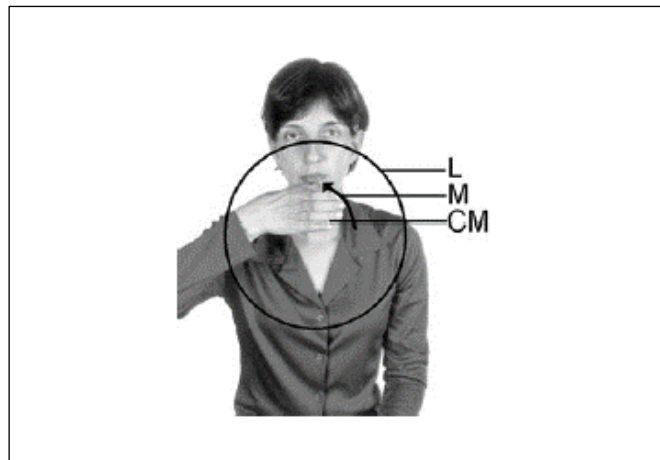
Como a língua de sinais é gestual-visual, as mãos são uma parte do corpo que estão sempre em muita evidência, fazendo com que outros movimentos realizados pelo corpo e pela face sejam percebidos como secundários, e, muitas vezes, como não linguísticos. A partir dos estudos de Stokoe (1960 *apud* Quadros; Karnopp, 2004), uma primeira descrição estrutural da ASL foi realizada, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos “como composicionais - e não holísticos” (Quadros; Karnopp, 2004), o que impulsionou que outras LSs fossem sendo reconhecidas e estudadas.

Stokoe (1960) propôs, então, que a análise da formação dos sinais pudesse ser baseada em um esquema linguístico e estrutural. A partir disso, ele apresentou a decomposição de sinais na ASL em três principais aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente (Figura 2), a saber (Quadros; Karnopp, 2004):

- a. Configuração de mão (CM) – o formato da mão ao realizar um sinal
- b. Locação da mão (L)¹⁶ – a região onde o sinal é realizado (no espaço ou em alguma região do corpo ou cabeça)
- c. Movimento da mão (M) – o tipo de movimento feito durante a realização de um sinal (se é contínuo, repetido, direcional ou não, retilíneo, alternado, em zigue-zague, ente outros)

¹⁶ A Locação está sendo utilizada, nesse estudo, como Ponto de Articulação (PA).

Figura 2 – Parâmetros LS



Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 51

Outros estudos, após 1960, contribuíram para a inserção de mais dois parâmetros:

d. orientação da mão (Or) – direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal (para cima/baixo, para dentro/fora, para o lado (ipsilateral ou contralateral))

e. os aspectos não-manuais dos sinais (NM) – expressões faciais e corporais.¹⁷

Esses dois parâmetros foram, então, adicionados aos estudos da fonologia de sinais.

Observando-se os três primeiros parâmetros, podemos verificar quais são os traços distintivos entre diferentes línguas de sinais. A alteração de apenas um parâmetro impacta no significado. A seguir, temos três exemplos destes contrastes na Libras, que podem ser configurados em pares mínimos (como na Língua Portuguesa (LP) temos *faca / faka* e *vaca / vaka*, por exemplo – a mudança de um fonema acarreta um outro significado na língua).

¹⁷ Ao longo desse trabalho, NM será referenciada por ENM – expressões não manuais, isto é, realizadas pelo corpo e rosto.

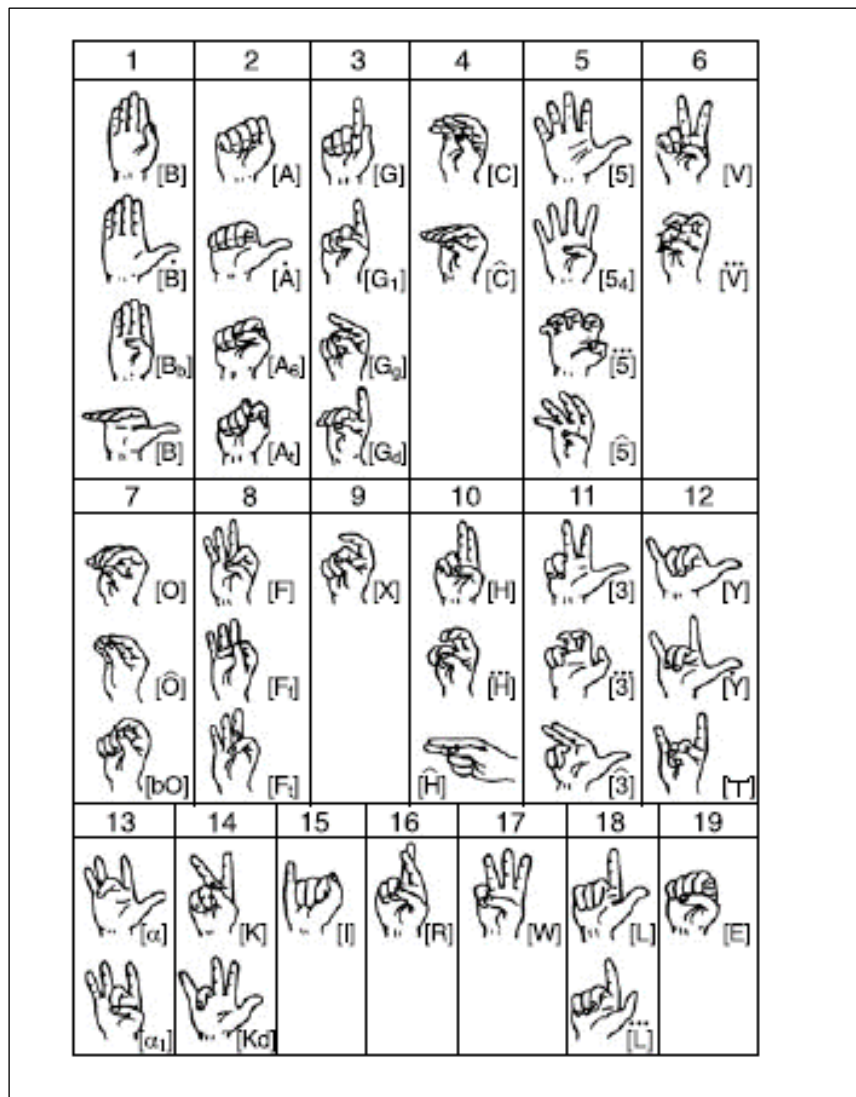
Figura 3 - Parâmetros fonológicos contrastivos



Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 52

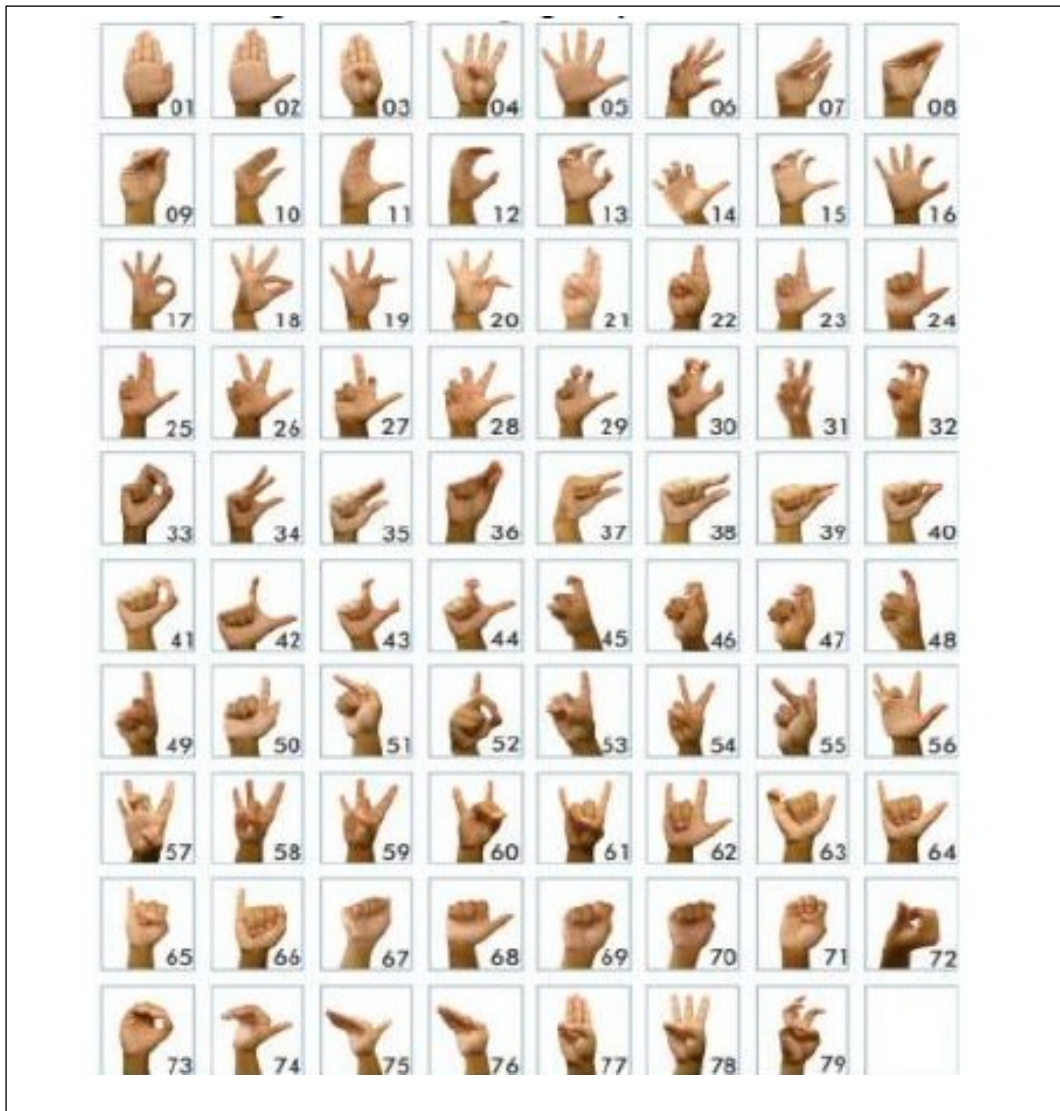
Ferreira Brito (1995, p.220), contribuindo com os estudos iniciais sobre a Libras no Brasil, apresenta 46 CMs, organizadas em seis colunas, de acordo com a semelhança visual de cada uma (Figura 4). As CMs variam entre as LSs, no entanto, podemos observar semelhanças também entre algumas, como ocorre com a Libras e a ASL (Quadros; Karnopp, 2007). No vídeo da Figura 1, isso pode ser observado de maneira breve por meio da realização de alguns sinais.

Figura 4 - Configurações de Mãos – Libras



Fonte: Ferreira Brito, 1995, p. 220.

Figura 4.1 – Configurações de Mãos - INES¹⁸



Fonte: Daltro; Xavier, 2024, [n.p.]

Com o avanço das pesquisas, outras CMs têm sido mapeadas. É o caso de novas CMs elencadas nos estudos do Grupo de Pesquisa de cursos de Libras do INES (Figura 4.1).

Cada um dos parâmetros tem as suas especificidades e variações em relação a outras LS, mas não nos aprofundaremos sobre elas nesse estudo.

¹⁸ Essa tabela com 79 configurações de mão foi produzida pelo Grupo de Pesquisas de Curso de Libras do INES, que tem feito esse trabalho de catalogação. Para saber mais: DALTRO; XAVIER, 2024.

2.3 Morfologia

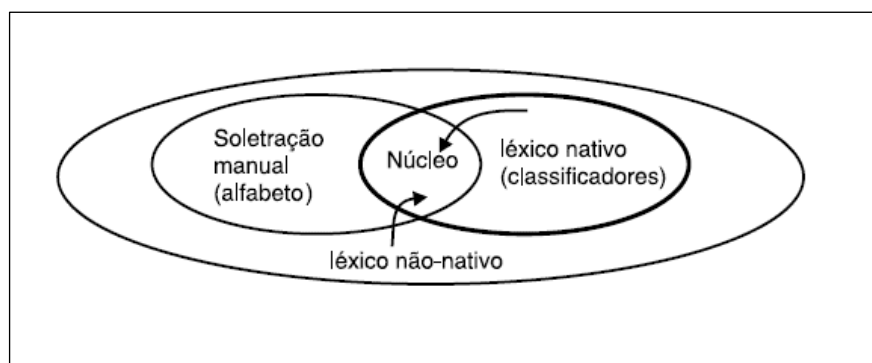
Trazendo a explicação de Quadros e Karnopp (2007, p.86) sobre morfologia, temos que:

O campo da Morfologia se ocupa do estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, como também, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado. [...] Alguns morfemas por si só constituem palavras, outros nunca formam palavras, apenas constituindo partes de palavras. Desta forma, têm-se os morfemas presos que, em geral, são os sufixos e os prefixos, uma vez que não podem ocorrer isoladamente, e os morfemas livres que constituem palavras. Mas, na medida em que se pode formar palavras a partir de outras palavras, é importante reconhecer que as palavras podem ser unidades complexas, constituídas de mais de um elemento.

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras já conhecidas, tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc.

A estrutura dos sinais da Libras é complexa, apresentando algumas propriedades que não são encontradas nas línguas orais. De acordo com uma proposta de Brentari e Padden (2001 *apud* Quadros, Karnopp, 2007), propõe-se a seguinte composição no léxico:

Figura 5 - O Léxico na LS

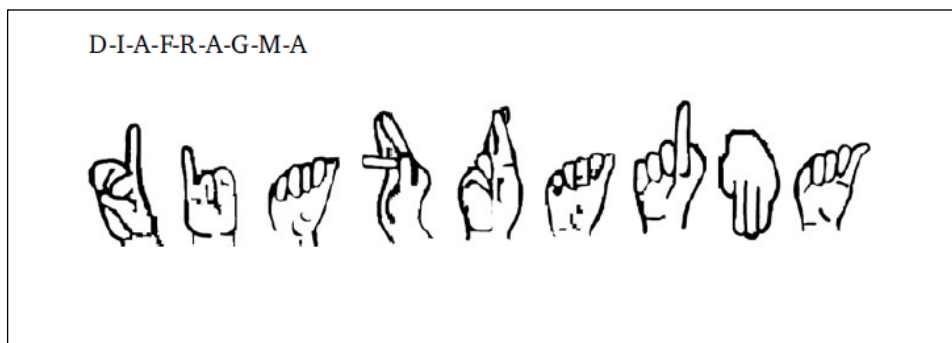


Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 88.

De acordo com a Figura 5, o léxico não-nativo é composto também por palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira. O alfabeto soletrado

manualmente, seguindo proposta de Padden (1998) para a ASL, é um conjunto de CMs que representa o alfabeto. Sinalizantes da Libras soletram palavras compostas pelas letras do alfabeto do português em uma variedade de contextos, como, por exemplo, para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente¹⁹. A datilologia de “diafragma” na Libras, por exemplo, é representada pela Figura 6 (D-I-A-F-R-A-G-M-A²⁰).

Figura 6 - Soletração Manual



Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 88.

A soletração manual ou datilologia é uma representação manual da ortografia do português, realizando-se cada CM correspondente a cada letra por vez, como na Figura 6. Um exemplo do uso da soletração manual é quando um determinado conceito, personalidade ou local, por exemplo, não possuem sinal em Libras, ficando atrelados somente a uma forma de uso na língua: a datilologia²¹. Desta forma, se um determinado nome/conceito só é representado na Libras pela datilologia (campo mais

¹⁹ Uma informação interessante, que corrobora também para o uso da datilologia na Libras, é que o conjunto de sinais/FNs lexicalizados na Libras constituem um conjunto de 14.500 sinais, conforme o Dicionário Capovilla *et al*, publicado em 2018 (USP, 2018). Dessa forma, comparando a Libras com a LP, as nominalizações já lexicalizadas ainda constituem um conjunto pequeno se a compararmos com a LP (382 mil verbetes, segundo o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), versão 2023-2024) (ABL, 2024). Em outras palavras, a datilologia é um recurso importante para que a Libras vá se intercambiando com outras línguas e absorvendo novos dizeres e significações.

²⁰ Esse tipo de representação com letras maiúsculas e separadas por hifens indica que cada letra da palavra em questão foi representada pela soletração manual: a mão realiza uma letra por vez: o D, em seguida, o I, logo depois, o A, e assim por diante. Apenas para esclarecimento: “diafragma” em Libras possui um sinal; a datilologia foi usada apenas para ilustrar a representação manual da ortografia da palavra. Sinal DIAFRAGMA. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1JGiNfPbtv4G9vsSzN9GXsDmENGJM2tBI/view>. Acesso em: 19 out. 2024.

²¹ A datilologia não é dispensada quando um conceito já possui um sinal. Ela ainda pode ser usada para deixar mais claro alguma informação, para enfatizar ou mesmo para apresentar ainda algum conceito em uma aula ou palestra, por exemplo. Assim, um conceito pode ser apresentado

periférico na Figura 5), e não por um sinal, entendemos ainda sim que esse nome também é um acontecimento enunciativo²². Ainda que esse acontecimento não esteja condensado em uma forma estruturalmente nuclear do léxico da Libras (ainda fazendo uma relação com a Figura 5), ele se utiliza de um recurso que pertence ao léxico da LS – o alfabeto manual.

Para citarmos um exemplo, pensemos em uma rua fictícia denominada “Rua Lucas Machado”, cujo nome é mencionado entre os moradores Surdos de uma cidade apenas pela datilologia: L-U-C-A-S-M-A-C-H-A-D-O. Entendemos que essa rua é enunciativamente pertinente naquele bairro ou cidade – afinal, foi nomeada. Ao se tornar ainda mais recorrente nos dizeres sociais entre a Comunidade Surda, essa rua poderia receber um sinal, a partir da condensação visual das razões sociais que sustentam a sua nominalização - em uma designação²³ “lexicalmente menos periférica” na Libras (para fazer uma relação com a Figura 5).

2.3.1 Os Classificadores na Libras

Os classificadores são demonstrações da forma de um objeto, de alguém ou de alguma coisa. São representados em formas de configuração de mãos, que referenciam, mostram ou descrevem uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto, em verbos de movimento ou de localização, para demonstrarem um referente. (Maia, 2023).

Classificadores são geralmente usados para especificar algum tipo de movimento, posição de pessoas, objetos ou animais. Para descrever uma pessoa andando de carro em uma estrada de terra, o sinalizante pode assumir corporalmente

²² Abordaremos o conceito de “acontecimento enunciativo”, com mais clareza, no Capítulo 3, mas achamos importante já fazer essa relação entre a composição do léxico na Libras e o olhar enunciativo com o qual analisaremos a entrada de nomes na língua, uma espécie de “aquecimento” para as análises do Capítulo 5. Por ora, podemos já evidenciar que o que estamos tomando por “acontecimento enunciativo” é a entrada de um nome no léxico da língua, a partir das bases sociais e históricas dos sentidos que circulam socialmente, tornando esse (novo)nome enunciativamente pertinente (Dias, 2018).

²³ Dias (2018, p. 122-123) esclarece que “a constituição da nominalidade toca em questões relativas à designação, nomeação e referência. A designação também está associada ao conceito de nomeação, que, por sua vez, carrega outra série de questões, que podem ser acompanhadas em Gary-Prieur (1994). Neste estudo, abordamos o aspecto da designação relativo ao funcionamento da linguagem, e mais especificamente da língua portuguesa, considerado a partir de uma semântica da enunciação de ordem histórica. [...] um dos pontos de esteio da nossa perspectiva é a posição segundo a qual a designação ancora-se em cenários de discursividades. Um nome designa algo na medida em que se associa a esse nome uma história de enunciações na qual ele está envolvido.”

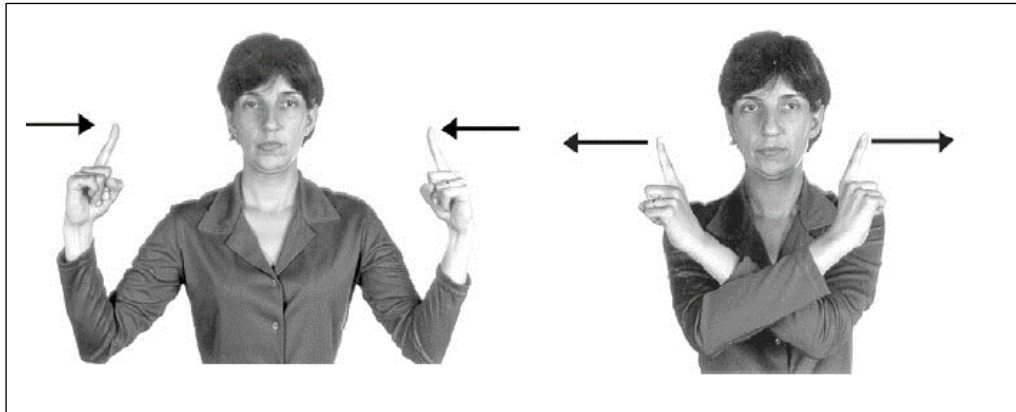
a instabilidade do solo e, por meio de uma espécie de representação da cena, ele “atua” com um balanço do corpo, como se estivesse na ação, no cenário real. Para descrever uma pessoa caminhando, um classificador específico em que a CM represente uma pessoa pode ser usado para simular o movimento que ocorre de um lado para o outro.

Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, estas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial. Entretanto, quando um classificador entra no léxico, há uma mudança no significado. Por exemplo, no português, a palavra ‘planalto’ é originalmente “uma composição de ‘plano’ e ‘alto’, mas ela não é mais pronunciada como duas palavras, mas como uma só. Semelhantemente, mudanças morfológicas e semânticas ocorrem na lexicalização da Língua Brasileira de Sinais. Nas Figuras 7 e 8, temos alguns exemplos:

Figura 7 - Trânsito



Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 93.

Figura 8 – PASSAR POR

Fonte: Quadros, Karnopp, 2007, p. 94.

Assim, embora os classificadores possam ser singulares às línguas de sinais, as mesmas forças linguísticas que modelam as mudanças lexicais e formação de palavras nas línguas naturais aplicam-se a essas construções também. Veremos mais adiante, na seção de análise, como os classificadores podem entrar na composição enunciativa do sentido.

Ao fim dessa seção, finalizamos a apresentação de conceitos e características relativos à Língua Brasileira de Sinais relevantes para esse estudo. No próximo capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação nos quais estamos nos baseamos para a realização da pesquisa.

3 SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A partir de nossa perspectiva teórica, o entendimento do processo de constituição dos significados nos usos da língua é um aspecto substancial. Tomamos como ponto de partida, portanto, que é pelo viés enunciativo é que podemos compreender a constituição dos sentidos, como bem explicita Dias (2024). Desta forma, a Semântica da Enunciação ou Semântica do Acontecimento (Dias, 2018, 2024, no prelo, Guimarães, 1989, 2002, 2018) evidenciam a centralidade da enunciação na composição do sentido. Guimarães (2002, p.7) busca definir o que seja este campo de estudo:

[...] procurei configurar o que é para mim uma semântica do acontecimento. Ou seja, uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer.

O nosso olhar está atento às relações e às articulações linguísticas que ocorrem nas diversas manifestações sociais de usos da língua. Para esta teoria, os registros (da língua) escritos ou ditos compõem, concretamente, então, a face visível da enunciação: o enunciado. Dizemos então que a materialidade linguística compõe os enunciados, porém, não os define. Para Guimarães (2018, p.129), o enunciado é “uma unidade de linguagem relativamente independente”. Isto significa que, ao mesmo tempo em que ele possui uma consistência interna (ou seja, pode ser percebido como uma unidade de sentido com certa autonomia em relação a outros enunciados), ele possui uma dependência com outros enunciados com os quais se relaciona, como um texto, por exemplo (Dias, 2024).

A enunciação propriamente dita, por sua vez, é a face invisível neste processo de produção dos sentidos nos usos da língua. “Estudar aquilo que se desenrola, transcorre, acontece na produção de um enunciado é estudar a enunciação” (Dias, 2024, p.2) Desta forma, ao focarmos na dimensão não visível, podemos compreender como ocorre o processo em si da produção de sentido na língua, ou seja, o *acontecimento da produção do enunciado*. “A enunciação é o acontecimento da produção de sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social” (Dias, 2018, p.45).

É importante dizer que os indivíduos, ao se expressarem por meio do que é significado socialmente, também articulam dimensões individuais, ou seja, a

enunciação se dá pela “zona de contato” dos sentidos (espaço de enunciação) do que dizemos, “e é assim que a enunciação é um acontecimento da relação entre o indivíduo e a sociedade” (Dias, 2018). Essa dimensão social é destacada em Guimarães (2018), na medida em que ele defende a tese de que, quando enuncia, o sujeito falante assume uma postura social nos espaços que ocupa/em que atua. Esse posicionamento não é voluntário, mas induzido pela ocupação destes espaços sociais, que exigem um posicionamento frente aos diversos enunciados (ou pontos de vista) que circulam no mundo, conforme explicita Dias (2024):

a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua. (Guimarães, 2018, p.22)

Reforçando o aspecto social da Enunciação, Dias coloca que os nossos enunciados tomam partido frente aos pontos de vista que atravessam (ou se relacionam com) as nossas próprias perspectivas sociais, fazendo com que produzamos enunciados que "acontecem" socialmente, isto é, os sentidos que produzimos mantêm relação com os diversos pontos de vista sociais que nos circundam. “Se fosse um ato puramente individual, não poderíamos dizer que a enunciação é um acontecimento” (Dias, 2024, p.8).

Em nossa pesquisa, buscamos evidenciar como a dimensão social, entre outros conceitos que serão ainda abordados, ancora(m) também o acontecimento enunciativo em uma língua de modalidade espaço-visual, a Libras.

3.1 Conceitos pilares

Como forma de situar conceitualmente a pesquisa, focaremos, nesta seção, em três definições principais para o estudo do sentido na Semântica da Enunciação: *Referencial Histórico, Pertinência Enunciativa e Domínio de Mobilização*.

O primeiro deles está fortemente relacionado ao memorável de outros dizeres (Guimarães, 2017), isto é, às redes de sentido já constituídas, ao já enunciado.

Na nossa perspectiva, esse memorável de outros dizeres, constituídos na instância do “já enunciado”, são parte desse referencial histórico, isto é, desses domínios de ancoragem do enunciado, tendo em vista o funcionamento histórico-social. (Dias, 2018, p.102)

A dimensão do “já enunciado”, conforme Dias (2018), encontra relação com a atualidade do dizer, demandando que as nominalizações se constituam formalmente (isto é, através da materialidade espaço-visual da língua, no caso da Libras), atualizando o **referencial histórico**.

O segundo conceito, **pertinência enunciativa**, constitui-se a partir da ideia de pertencimento ou pertença a um determinado espaço de enunciação. A pertinência é “concebida na relação entre recortes de memória de significação e a demanda de um presente pelos referenciais, movimenta as formações articulatórias que constituem a sintaxe do enunciado, a sua constituição formal (Dias, 2015, p.117). A enunciação é o acontecimento da produção de sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social (Dias, 2018, p.45). E é “nos campos de enunciação que os enunciados adquirem pertinência uns em relação aos outros, tendo em vista um referencial (Dias, 2018, p.110).

O terceiro está relacionado ao modo como nos expressamos de acordo com as diferentes visões sobre o mundo e sobre a própria sociedade (Dias, 2018). Os **domínios de mobilização** (DM) “são modos sociais de agir, reagir, não agir, no mundo por meio de formas de expressão. Esses modos sociais são historicamente configurados e se definem na memória social como discursos” (Dias, 2018, p.57). Este conceito não está relacionado às concepções de intencionalidade ou contexto. A primeira, se considerada, faria com que entendêssemos as formas linguísticas sob uma perspectiva muito individual, nascendo da intenção de quem as produzisse. E a noção de contexto, para a nossa perspectiva, é ampla demais, “atreladas a um tempo e a um lugar em que foram expressas” (Dias, 2018, p.56). O domínio de mobilização, por fim, está relacionado às razões que sustentam as articulações das formas linguísticas; “são as motivações sociais dos falantes articuladas para imprimirem sentido em uma determinada direção (Ducrot, 2002 *apud* Dias, 2018).

3.1.1 A Formação Nominal e suas Dimensões

Um outro conceito muito importante para a pesquisa é o de Formação Nominal. Sob esse olhar, o que chamamos de construção nominal passa a ser designado especificamente como formação nominal – FN (Dias, 2018).

A FN passa a ser “abordada do ponto de vista da sua arquitetura_e não da sua estrutura”, de forma que possamos “apreender a sua constituição nos espaços de enunciação, flagrando como ela adquire uma forma e sua pertinência nesses espaços de dizer, recortados na relação entre memória e as demandas da atualidade” (Dias, 2018, p.248). A abordagem enunciativa toma as FN's em seu caráter dinâmico e social, como unidades estáveis de sentido na língua.

Para o nosso trabalho, trazemos três dimensões da unidade nominal²⁴, tendo em vista as especificidades enunciativas e formais de cada uma, na qual a articulação desempenha um importante traço constituinte; são elas: *articulações subnominais*, *intranominais* e *internominais*. Em uma espécie de síntese, Dias (2018, 2023), traz:

1) Articulação Subnominal (a constituição temática do nome): as relações entre enunciados que permitem a existência social de um nome. Enunciados articulados determinam a existência dos nomes na língua, ou seja, de sua conseqüente entrada no léxico. Não se trata de uma análise etimológica do nome, mas das razões enunciativas para a sua estabilização como unidade temática (Dias, 2018).

2) Articulação Intranominal (a produção componencial do nome): a relação entre formantes na criação de novos nomes (agregam duas unidades em uma - composição de palavras; ou agregam formantes a uma unidade, no sentido de criar outras - derivação) (Dias, 2018). Em outras palavras, Dias (2023, p.162) define que este tipo de articulação “ocorre entre formadores morfológicos de nomes na relação entre base lexical (radical, raiz) e formantes prefixais ou sufixais, ou mesmo entre duas bases lexicais.” Neste estudo, abordaremos prioritariamente o processo de composição.

²⁴ Dias (2023) apresenta também, além das três dimensões citadas, a articulação predicativa. Ela “se instala na relação entre uma formação nominal e um predicado, tendo o verbo como catalisador de formações nominais, constituídas no lugar do sujeito e no lugar do objeto” (Dias, 2023, p.162). Nesse trabalho, no entanto, não abordaremos essa dimensão.

3) Articulação Internominal (as formações associativas do nome): as articulações contraídas pelo nome formando um grupo nominal (Dias,2018). Está relacionada “às convergências de adjetivos, pronomes, numerais, artigos ou integradores preposicionais voltados para o nome na constituição de um grupo nominal” (Dias, 2023, p.162)

O estudo da nominalidade numa abordagem da enunciação, segundo Dias,

tem o compromisso de explicar a constituição das unidades nominais na sua estabilização como unidade de sentido na língua, constituindo-se: como uma unidade potencialmente temática, no seu potencial de articulação com formantes (em processos de derivação e composição) e com outras unidades formando grupos nominais (Dias, 2018, p. 117)

Um último conceito importante a ser contemplado, antes de caminharmos para a metodologia, é o conceito de *articulação*. Dias a define como “a relação que ocorre entre a dimensão formal (a língua) e a dimensão imaterial do sentido para a construção da significação (unidades que não se apresentam materialmente dispostas em um enunciado)” (Dias, 2018). Dessa maneira, o nascimento de uma FN na língua é o resultado de um processo dinâmico de significação, ou seja, é a materialização (dimensão formal e visível do sentido) na língua de sentidos que circulam socialmente.

Essas unidades concebidas nominalmente são potencialmente temáticas, isto é, “podem ser tomadas por um substantivo, pronome ou expressão nominal que expressa o que a pessoa diz, disse ou dirá” (Dias, 2018, p.114). Três tipos de articulação serão abordados nessa pesquisa, a partir da seção 5 (análise).

4 METODOLOGIA

Tem-se como objeto de estudo, como já apresentado, as FN's e as razões enunciativas que sustentam as articulações entre a dimensão espaço-visual da Libras (a própria materialidade linguística) e os sentidos que circulam socialmente entre os falantes da Comunidade Surda. Tendo isso em vista, a pesquisa será realizada com base em *corpus* da Libras que contenha formações nominais enunciativamente pertinentes entre os falantes, observadas a partir de enunciados presentes em redes sociais ou plataformas utilizadas pela Comunidade Surda.

De modo a organizar a pesquisa para a análise metodológica do *corpus*, este trabalho está pautado nas seguintes etapas de desenvolvimento: 1- estudo teórico-conceitual; 2- coleta das FN's presentes em produções discursivas audiovisuais registradas e divulgadas voluntariamente em redes sociais voltadas também para a Comunidade Surda (como *Youtube*, e *Instagram* e em outras possíveis plataformas digitais de acesso público que veiculem informações em Libras); 3- “captura” das FNs selecionadas por meio do *software* ELAN, para o estudo das imagens, e posterior uso do *Microsoft Paint* para o “recorte” das sinalizações pertinentes para a organização da pesquisa; 4- análise qualitativa e sistematização da ocorrência das FNs, por meio da metodologia das Redes Enunciativas (Dias, 2018), com o intuito de se investigar como os sentidos sociais circulantes se materializam na língua e como as motivações sociais mobilizam a condensação de FNs na Língua Brasileira de Sinais.

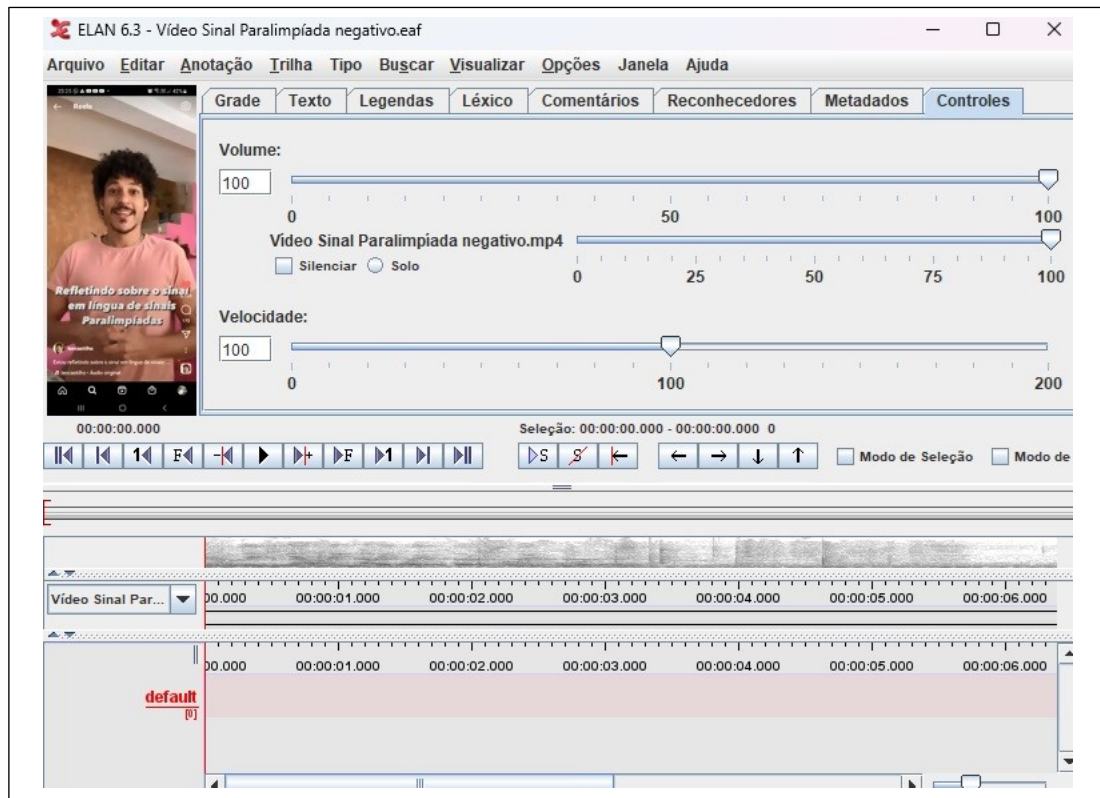
A etapa 1 buscou abarcar os principais conceitos teóricos para o embasamento da pesquisa. A etapa 2, de cunho qualitativo, foi baseada na técnica da observação individual (feita pela pesquisadora) e na análise das ocorrências e recorrências das FN's nos enunciados da língua. Os vídeos observados estão disponibilizados nas redes sociais ou em sites e podem ser visualizados sem a necessidade de inscrição ou solicitação de permissão ao administrador, estando, desta forma, publicizados na internet, com acesso público. Deste modo, conforme o documento intitulado “Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais”, este tipo de pesquisa dispensa avaliação ética e concessão por parte dos administradores dos canais/sites – “São exemplos aquelas pesquisas realizadas em *websites*, blogs, *Youtube* etc” – (ENSP/Fiocruz, 2020, p.11).

A coleta de material em plataformas digitais justifica-se pela viabilidade em reunir dados visuais espontâneos de usuários da Libras em diversas situações de comunicação, realizadas em ambientes interacionais típicos, como são principalmente as redes sociais, como o *Instagram* e o *Youtube*. Além disso, os enunciados coletados foram sinalizados tanto por Surdos quanto por intérpretes de Libras. Ainda que esse segundo grupo seja composto por ouvintes, é por meio deles que a maioria das informações chega aos Surdos, sendo ambos coconstituintes das redes de sentido que circulam na Comunidade.

O critério de busca por FNs foi apenas o acompanhamento das mobilizações sociais dos falantes e, conseqüentemente, o uso das FN's na Libras de forma ampla, sem critério específico por assuntos ou pela constituição de suas estruturas. Por questões de recorte para a pesquisa, as FNs escolhidas (etapa 2) situam-se, coincidentemente, em dois temas - "Cultura Surda" e "Pandemia" – e os discursos em vídeo são do tipo informativo/dialógico, apresentando e/ou discutindo assuntos referentes a aspectos culturais da Comunidade Surda ou à Pandemia do Covid-19. Os enunciados referentes ao primeiro tema trazem marcas sobre a forma singular de os Surdos apropriarem-se do mundo pela visão, e os que se enquadram ao segundo tema trazem dizeres sobre os impactos sociais decorrentes do período crítico que vivemos todos a partir de 2020.

O uso do *software* ELAN (Figura 9), etapa 3 da metodologia, justifica-se pela possibilidade de acompanharmos, simultaneamente em uma só linha do tempo, o próprio vídeo, a transcrição (glosas) das informações originalmente em Libras e registradas pelo próprio pesquisador (como sinais realizados, expressões não manuais, por exemplo) e a tradução em LP dessas informações. Esse sistema se adequa ao tipo de pesquisa que inclui dados com línguas de sinais pela possibilidade de observarmos e analisarmos, concomitantemente, informações correlacionadas nas duas modalidades de línguas.

Figura 9 – Tela do ELAN



Fonte: Autoria própria, 2024.

A partir da alteração da velocidade de exibição do vídeo possibilitada pelo programa, as sinalizações em foco eram mapeadas com maior exatidão e nitidez, e posteriormente, capturadas em *prints* e editadas, quando necessário, pelo *Microsoft Paint*²⁵ para a montagem das redes enunciativas. As FNs escolhidas e suas dimensões podem ser vistas por tema conforme o Quadro 1. Ao todo, serão 6 redes enunciativas, 3 situadas em cada tema.

²⁵ O *Paint* permite pequenas edições simples em imagens (como o acréscimo de alguns recursos visuais, como setas) e o recorte da imagem desejada.

Quadro 1 - Articulações Nominais em análise

Situações Enunciativas	Articulações Subnominais (em Libras)	Articulações Intranominais (em Libras)	Articulações Internominais (em Libras)
Cultura Surda	SURDO		
Pandemia	LOCKDOWN		
Pandemia		QUARENTENA	
Pandemia		HOME^OFFICE	
Cultura Surda			PARALIMPÍADAS ²⁶
Cultura Surda			SETEMBRO AZUL

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

É importante esclarecer que, para a organização do Quadro 1, a categorização das articulações tomou como base o modo como a materialidade linguística de cada uma delas se organiza na Libras, ou seja, como a produção dessas articulações se compõe na modalidade espaço-visual. A glosa (sistema de notação e transcrição das informações visuais) segue as notações conforme literatura específica (Quadros; Karnopp, 2007²⁷), que orienta para que a transcrição dos sinais seja sempre em LP e em letras maiúsculas, isto é, cada glosa transcreve *o sinal*, em LP, *da forma como ele é conhecido na Libras*. Assim, as letras maiúsculas no Quadro 1 representam as glosas das articulações em Libras. Ao lermos as glosas, então, devemos “enxergar” as articulações em Libras, e não em LP.²⁸

²⁶ Lembrando que a articulação de PARALIMPÍADAS aqui é a composição visual de OLIMPÍADAS + AMPUTAR). Como o Quadro 1 apresenta as glosas dos sinais (ou seja, como os sinais são transcritos em LP com o nome que possuem na Libras), e não a composição morfológica de cada um deles, optamos por apresentar a articulação dessa forma, e não como OLIMPÍADAS AMPUTAR. Observação: o verbo aparece no infinitivo nas glosas porque é a forma como os registramos no momento da transcrição. Na etapa da tradução, aí sim os verbos são flexionados conforme a LP. A tradução literal que poderíamos tomar aqui para fins de análise é “Olimpíadas de amputados”.

²⁷ Para ilustrar os exemplos linguísticos adotados neste trabalho, estamos seguindo o sistema de ilustração de sinais, transcrição e tradução, como exposto por Quadros e Karnopp (2004).

²⁸ Cada articulação e FNs poderão ser vistas com detalhes no capítulo de análise. No entanto, para que a percepção da organização do Quadro 1 fique bem clara desde esse ponto do texto, gostaríamos de reforçar o olhar que deve ser construído para as análises. Faremos um comparativo aqui, considerando as FNs em LP e em Libras, de forma que fique claro como a dimensão visual impacta as categorias das articulações. Ao olharmos para o Quadro 1, temos então que: a articulação SURDO,

Outras marcações também poderão ser vistas ao longo das análises. O circunflexo (^) na glosa, como em HOME^OFFICE, por exemplo, indica que este é um sinal composto. Em outras palavras, esse sinal gráfico indica que essa articulação é constituída apenas como um sinal em Libras, apesar de ser constituída a partir de outros dois (CASA e TRABALHO ou HOME e OFFICE). O mesmo ocorre para a FN SURDO^MUDO, a ser vista também no Capítulo 5.

Já as marcas não manuais, quando estão associadas aos sinais produzidos pelas mãos, são indicadas pelas letras iniciais do tipo de marcação não manual ocorrida. Desse modo, temos a marcação “qu” indicando a presença de uma pergunta, normalmente associada às palavras *o que, como, quem, onde, por que, quem*, e aparecem com o enunciado entre < >, sendo apresentada como “< >qu”. As interrogativas que podem ser respondidas apenas com uma resposta do tipo “sim” ou “não” são indicadas como “< >sn”. O símbolo + indica a marcação de uma intensidade, que pode ser demonstrada pela expressão facial durante a execução do sinal (equivalendo-se ao advérbio “muito” na língua LP).

Outra marcação que estará presente ao longo das glosas é o arroba (@), que indica a ausência de flexão de gênero (masculino e feminino) ou número (singular e plural) na Libras. Isso ocorre com substantivos, pronomes e adjetivos - exemplos: GAT@ (que pode indicar “gato(s) ou “gata(s); ME@ (que pode indicar “meu(s) ou

realizada em Libras, constitui-se apenas por um sinal (sendo por isso, subnominal). Em LP, o nome também é subnominal. sendo do mesmo tipo o seu nome em LP (Nas análises, outra articulação relacionada à anterior será explorada: SURDO^MUDO. Em Libras, esta é composta originalmente por dois sinais – SURDO e MUDO – que têm a composição visual alterada na articulação final, sendo, então, categorizada como articulação intranominal - optamos por não a colocar no quadro para não gerar confusão. Se considerarmos a sua forma em LP, ela seria uma articulação Internominal). O sinal LOCKDOWN é realizado apenas por um sinal (articulação subnominal) A sua glosa é constituída apenas por uma palavra em LP (por empréstimo linguístico); portanto, se considerássemos o ponto de vista da LP, teríamos também, coincidentemente, uma articulação subnominal. QUARENTENA é uma articulação em Libras composta por dois sinais (CASA e QUARENTENA) que se modificam visualmente em sua composição final, o que a faz uma articulação intranominal. Se a sua classificação considerasse o seu nome na glosa em LP, ela seria uma articulação subnominal. HOME^OFFICE também é uma articulação em Libras composta por dois sinais (HOME/CASA ou TRABALHO/OFFICE) que se modificam em sua composição visual final, o que a faz uma articulação intranominal. Se considerarmos o nome como um empréstimo linguístico à LP, teremos uma articulação internominal. PARALIMPÍADAS compõe-se como uma articulação internominal entre os sinais OLIMPÍADAS e AMPUTAR, sendo por isso categorizada desta forma. Se a sua classificação fosse levar em conta o seu nome em LP, ela seria uma articulação intranominal (entre as palavras “paraplégico” e “olímpico”). Já o novo sinal de PARALIMPÍADAS, a ser visto mais à frente, é uma articulação subnominal. No caso de SETEMBRO AZUL, a articulação em Libras é realizada com os dois sinais em sequência, sem modificação, constituindo uma articulação internominal. Se fôssemos considerar o seu nome em LP, também teríamos, por coincidência, uma articulação do mesmo tipo. Por questões de espaço no Quadro 1, não ficou produtivo ilustrar cada sinal em Libras, mas sim, em glosas. Então, dessa forma, olhemos para o quadro “enxergando” as articulações em sinais.

“minha(s)”) e NOV@ (para indicar “novo(s) ou “nova(s)”)²⁹. Nos casos em que foi possível identificar a concordância, explicitamos na glosa.

As marcações não manuais, em seu amplo universo, não serão exploradas nesse trabalho, em função de exigirem uma extensa e detalhada pesquisa. Dessa forma, as glosas evidenciarão apenas as marcações relevantes para a compreensão do estudo, com um ou outro acréscimo a ser detalhado quando pertinente.

A etapa 4 compõe o capítulo de análise, para a qual utilizaremos a “técnica de demonstração das relações de sentido de um enunciado”, denominada redes enunciativas, segundo Dias (2024). Vimos, ao longo das seções anteriores, que o enunciado é formado pela própria língua (dimensão material) e por outras relações de sentido que circulam entre os falantes (dimensão imaterial). A metodologia se justifica justamente por permitir a visibilização das relações de sentido (dimensão imaterial) por meio das articulações, tornando aparente o acontecimento da enunciação (Dias, 2024). Detalhando melhor este conceito, temos a seguinte explicação:

A técnica das redes enunciativas não é aplicada para exercitar estruturas, nem para produzir testes de gramaticalidade ou algo nessa direção. Ela se presta a estabelecer pontos de observação enunciativa, tendo em vistas as dimensões do sentido. Dessa maneira, ela permite demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes da significação. (Dias, 2018, p.35).

Podemos conceituar **rede enunciativa** como um procedimento de demonstração das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas. (Dias, 2018, p.36)

Vale ressaltar aqui que o trabalho de pesquisa por determinados usos de FNs na Libras, via plataforma do *Google*, exige alguns desdobramentos de investigação que tornam o trabalho mais minucioso e extenso: não basta clicar nos itens elencados pelo site de busca, mas é preciso garimpar, entre os diversos resultados e formatos que aparecem (vídeos, textos e imagens, por exemplo), os minutos de gravação dos materiais audiovisuais para a coleta de registros, em língua de sinais, que nos interessam para o propósito da pesquisa. Além disso, é preciso atenção quanto aos canais nos quais os materiais são veiculados, pois precisam ter credibilidade e/ou ser uma referência junto à Comunidade Surda.

²⁹ As desinências, quando explícitas na sinalização, são indicadas pelos sinais HOMEM ou MULHER. Dessa forma, se o sinalizante quer dizer PROFESSORA, ele precisará fazer o sinal do gênero feminino MULHER, seguido do sinal PROFESSOR. Se, ao longo do diálogo, não houver uma marcação clara ou se o indivíduo a quem o substantivo/adjetivo/pronome se refere não for indicado na cena, não fica claro se o termo se refere a PROFESSOR ou PROFESSORA.

Como forma de demonstrar o exercício metodológico, antes de entrarmos nas análises propriamente ditas, traremos um exemplo de uma FN – localizada na instância das articulações internominais – para a observação do acontecimento enunciativo. A FN em foco será “linguagem de sinais”.

O *status* linguístico da Libras é uma obviedade já constatada por muitas pessoas pertencentes à Comunidade Surda. A partir das diversas pesquisas sobre a ASL (Stokoe, 1960), o caráter linguístico das línguas de sinais já é claro para as pessoas ou profissionais que vivem ou trabalham em áreas ligadas à surdez, como linguistas, fonoaudiólogos, intérpretes, professores de Surdos.

Ainda que, em 2002, a Língua Brasileira de Sinais tenha sido oficialmente reconhecida como o meio de comunicação e expressão entre os Surdos do Brasil (Brasil, 2002), sabemos que essa informação ainda não é tácita entre a população em geral, fazendo com que muitas pessoas ainda considerem a Libras apenas como uma linguagem. Por isso, não é raro encontrarmos publicações em diferentes suportes (vídeos, textos verbais ou não verbais) caracterizando a Libras apenas como uma linguagem, e que circulam em tom de “alerta” sobre o equívoco dessa informação.

Fazendo uma busca rápida no *Google*, então, pela expressão “linguagem de sinais”, encontramos os seguintes enunciados:

Figura 10 – Jogo Soletrando



Fonte: WL Distribuidora, [s.d]³⁰

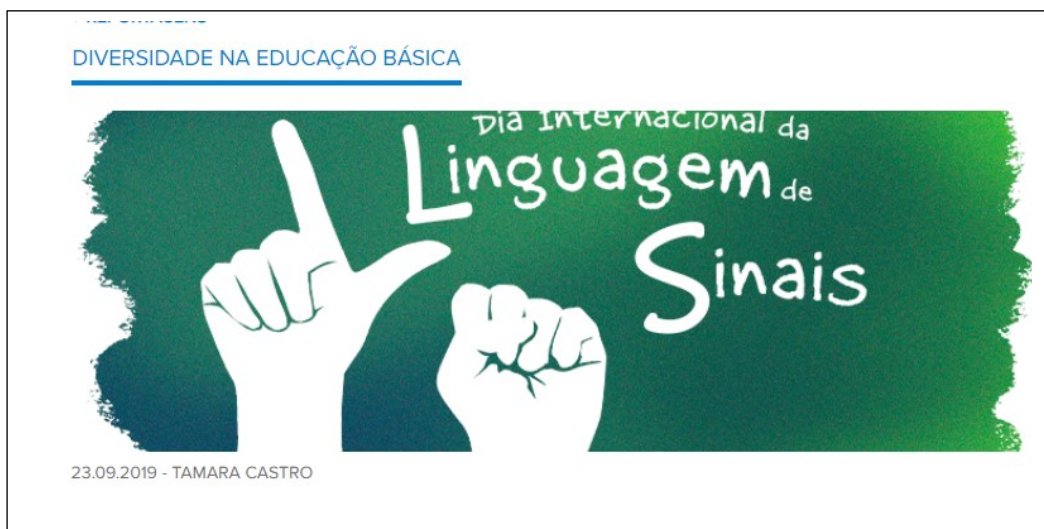
³⁰ Disponível em: <https://wldistribuidora.com.br/produto/libras-linguagem-de-sinais-soletrando/>. Acesso em: 15 ago 2024.

Figura 11 - Linguagem de Sinais - proibição



Fonte: Handtalk.me, [s.d].³¹

Figura 12 - Dia Internacional da Linguagem de Sinais



Fonte: Saberes e Práticas, 2019.³²

³¹ Disponível em: <https://www.handtalk.me/br/blog/linguagem-de-sinais/>. Acesso em 15 ago. 2024.

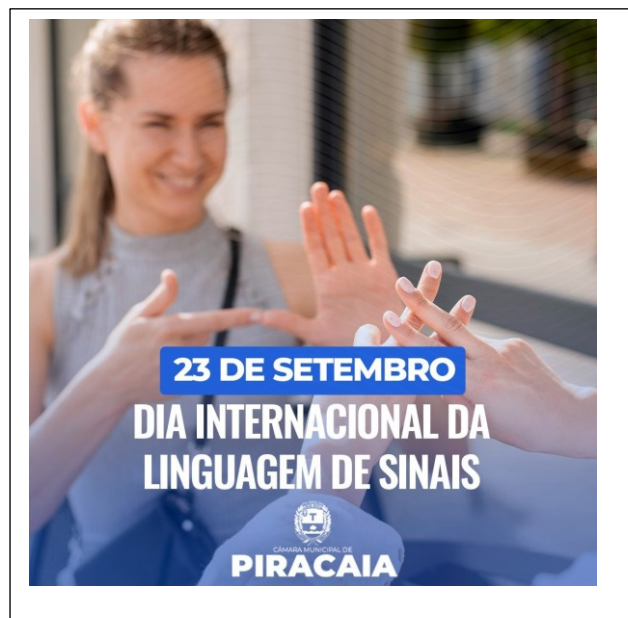
³² Site destinado à elaboração e divulgação de conteúdos pedagógicos para educadores. Disponível em: <https://saberesepaticas.cenpec.org.br/noticias/linguas-de-sinais-e-educacao-inclusiva> 23 set. 2024. Acesso em: 15 ago. 2024.

Figura 13 - Não fale em linguagem de sinais!



Fonte: Youtube, 2022.³³

Figura 14 – 23 de setembro – Dia Internacional da Linguagem de Sinais



Fonte: Câmara Piracaia/SP, [s.d.]³⁴

³³ Site da Faculdade Unintese, que oferece curso de Libras. Por que é errado dizer linguagem de sinais? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRGL2V60dj4> 28 abr. 2022. Acesso em: 15 jul 2024.

³⁴ Reportagem sobre a data comemorativa 23 de setembro para a Comunidade Surda. Site da Câmara Municipal de Piracaia, SP. Disponível em: <https://camarapiracaia.sp.gov.br/artigo/dia-internacional-linguagem-sinais> Acesso em: 10 ago 2024.

Colocando os enunciados das Figuras 10 a 14 no Quadro 2, de modo a facilitar a observação da rede de sentido, temos:

Quadro 2 – Rede Enunciativa com a FN “linguagem de sinais”

Figuras	Enunciados	Referencial Histórico	Domínio de Mobilização
Fig. 10	Libras – Linguagem de Sinais - Soletrando	Valorização	Ativismo/lúdico
Fig. 11	Porque [sic] você não deve falar linguagem de sinais	Desvalorização	Ativismo/crítico
Fig. 12	Dia Internacional da Linguagem de Sinais	Valorização	Ativismo/comemorativo
Fig. 13	Não fale linguagem de sinais	Desvalorização	Ativismo/crítico
Fig. 14	23 de Setembro – Dia Internacional da Linguagem de Sinais	Valorização	Ativismo/comemorativo

Fonte: Autoria própria, 2024.

De forma muito recorrente em sites e demais materiais divulgados pela internet, a FN “linguagem de sinais” aparece elencada como uma forma de (não) nomear e, ao mesmo tempo, (não) definir a Libras. As razões enunciativas que ainda sustentam esses dizeres em relação à Libras – e a outras línguas de sinais – podem ser explicadas pelas palavras de Quadros e Karnopp (2004, p.31):

Pesquisas realizadas em diversos países procuram descrever, analisar e demonstrar o status lingüístico [sic] das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua, as quais são especificadas a seguir (Karnopp, 1994, p. 24-32; Quadros, 1997, p. 46):
Mito 1 -A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.

Esse mito evidencia essa mesma crença – de que LSs não são línguas como as LOs. E são exatamente essas convicções sociais que sustentam o referencial histórico de desvalorização ou do “não reconhecimento da Libras” como um sistema lingüístico (Figuras 11 e 13) por grande parte da sociedade. O domínio de mobilização - que, conforme a definição de Dias (2018, p.17), são “articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa” ancoram a crítica a esta “percepção social ainda circulante”, fazendo com que os respectivos enunciados estejam sustentados por uma defesa e a

uma disseminação de convicções políticas, linguísticas e ideológicas fundamentadas em uma nova significação do que é ser Surdo e falar a sua própria língua.

A constante evidência de FNs refutando a LS como uma linguagem faz-se pela necessidade de que ainda é preciso esclarecer os falantes das línguas orais sobre o reconhecimento linguístico da Libras, ou seja, a pertinência enunciativa da recorrente rejeição ao rótulo de “linguagem” para a Libras faz-se necessária na medida em que a LS ainda é um idioma marginalizado, justificando toda uma rede de sentidos ainda socialmente circulantes.

Os enunciados das Figuras 10, 12 e 14, por outro lado, evidenciam um referencial histórico de valorização dos aspectos culturais e linguísticos da Comunidade Surda, ainda que tragam “linguagem de sinais” como FN. O intuito de se criar e vender um jogo baseado em aspectos linguísticos da Libras (Figura 10), ainda que nomeado de forma equivocada segundo o ativismo da Comunidade Surda (“linguagem de sinais”), é valorizar e entreter crianças que se interessem pelo alfabeto usado pelos Surdos, o que nos permite perceber uma ancoragem em um domínio de mobilização que se sustenta pelo caráter lúdico da proposta.

Os enunciados das Figuras 12 e 14 estão ancorados no mesmo referencial histórico (valorização), ainda que também tragam a FN “linguagem de sinais”. No entanto, elas são mobilizadas por razões enunciativas distintas da FN da Figura 10, isto é, as FNS surgem como uma proposta de destacar, a partir de uma data comemorativa, as conquistas históricas da Comunidade, o que também é pertinente enunciativamente, por toda a marginalização que os Surdos vivem.

A partir do próximo capítulo, será possível acompanhar como a significação é constituída e condensada nominalmente na Libras, por meio das análises das FNs nas redes enunciativas.

5 AS ARTICULAÇÕES NOMINAIS NA LIBRAS E A SIGNIFICAÇÃO - ANÁLISE

Um conceito fundamental para as nossas análises é

a enunciação como o acontecimento da produção do enunciado. Um enunciado é visto como um acontecimento quando ele constitui um sentido na língua, isto é, quando uma atualidade motivadora para aquela formulação adquire pertinência na relação com outras enunciações, concebidas como traços de memória discursiva” (Dias, 2013, p.15).

Portanto, o nosso interesse é pelo acontecimento a partir do qual as formações nominais, trazidas para este estudo, constituem-se por adquirirem sentido na Libras pelas razões enunciativas envolvidas neste processo.

As FNs estão organizadas em dois grupos temáticos, independentemente de suas instâncias, conforme Quadro 1 já apresentado: o primeiro reúne FNs atreladas a sentidos sociais circulantes próximos ou muito próprios às Comunidades Surdas. São elas: SURDO (FNs subnominal) / PARALIMPÍADAS (OLIMPÍADAS AMPUTAR) e SETEMBRO AZUL (FNs internominais). O segundo é composto por FNs constituídas a partir do episódio da Pandemia do SARS-CoV-2; são elas: LOCKDOWN (FN subnominal), QUARENTENA e HOME^OFFICE (FNs intranominais). Esse arranjo temático foi feito apenas para facilitar a análise das redes de sentido, já que cada grupo está ancorado em referenciais históricos distintos.

Antes de passarmos à análise propriamente dita sobre as FNs, é preciso que comuniquemos aqui sobre o que estamos dizendo quando usamos a expressão Cultura Surda. Para isso é preciso compreender, ainda antes, como os Surdos – e suas questões linguísticas e sociais - eram percebidas ao longo da história (dilatando-se até os dias atuais).

Karin Strobel, pesquisadora surda brasileira, em seu livro *Imagens do Outro sobre a Cultura Surda* (2008), explicita, logo no início, como o histórico de narrativas (ou dizeres sociais) sobre o povo Surdo sempre foi muito marcado por estereótipos impostos pela cultura dominante, e como, muitas vezes, foram representados socialmente como deficitários, como seres à margem pela invisibilidade da surdez, pela falta (da fala e da audição).

Quando observamos registros científicos sobre a língua e sobre a vida dos Surdos, não conseguimos levantar estudos muito antigos, ao contrário. Segundo Gesser (2012), os únicos vestígios mencionados na literatura sobre um provável uso

de línguas de sinais como língua natural, há alguns séculos, advêm de dois indícios. O primeiro deles descreve registros de uso observados na ilha de *Martha's Vineyard*, localizada próximo a *Massachusetts*, Estados Unidos. Devido a uma forte incidência hereditária da surdez neste local, ocorrida entre os séculos XVII e XX³⁵, e crescente, a partir da sua colonização na década de 1640, Surdos e ouvintes conviviam em uma comunicação bilíngue e tinham os mesmos direitos e responsabilidades.

Groce³⁶, pesquisadora que esteve na ilha já quando não havia mais Surdos, perguntou a uma mulher mais idosa, chamada *Gale*, sobre o modo como os Surdos eram percebidos pelas pessoas ouvintes daquela região. Surpresa, ela ouviu que não havia diferença, que quem era capaz de ouvir não pensava nada sobre os Surdos, que estes “eram iguais a toda a gente [...]” Groce insiste: “Mas como as pessoas comunicavam com eles? [*sic*] Escrevendo tudo? ‘Não’, disse *Gale*, surpreendida por eu fazer uma pergunta tão óbvia. Sabe, aqui todos falavam língua gestual” (Groce, 1985 *apud* Ladd, 2013, p.54).

Apesar de já não haver mais pessoas surdas na ilha à época de sua visita, os ouvintes já mais velhos recordavam-se de vários detalhes da convivência entre todos, a ponto de muitos deles ficarem em dúvida sobre quem era Surdo ou ouvinte. Sacks (1989³⁷ *apud* Ladd, 2003) também testemunhou algumas pessoas, em um supermercado na região, conversando despretensiosamente, ora em língua de sinais, ora na língua oral, mesmo após cinquenta anos da morte da última pessoa surda do local. Estes dois relatos deixam evidente o quanto a interação bilíngue era comum e natural em *Martha's Vineyard* (Padd, 2003).

A segunda evidência de uso tem origem francesa, e foi registrada, ao final do século XVIII, por um Surdo chamado Pierre Desloges, em seu livro “Observações de um surdo-mudo”, o que parecia ser uma tentativa de resguardar a sua língua da extinção (Gesser, 2012).

À exceção deste último caso, a maioria dos registros históricos e documentais sobre os Surdos foram narrados e registrados por ouvintes, provavelmente pela

³⁵ No século XIX, nos Estados Unidos, o cálculo aproximado apontava que, em média, a cada 5.728 ouvintes americanos nascidos, 1 era surdo. Na ilha, esta proporção era de 1 surdo para cada 155 recém-nascidos (Groce, 1985 *apud* Gesser, 2012).

³⁶ Nora Ellen Groce é antropóloga médica e professora do *University College de Londres*. Seus interesses de pesquisa referem-se a deficiências em saúde e desenvolvimento internacional. Disponível em: <https://cira.yale.edu/people/nora-ellen-groce-phd> Acesso em 11 set. 2024. A publicação citada é “*Everyone Here Spoke Sign Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985”.

³⁷ Sacks, O. **Seeing Voices**. Berkeley, CA: University of California Press, 1989.

concepção social que havia na época sobre a forma como os Surdos se comunicavam e, sobretudo, sobre eles próprios. Até a década de 1960, as línguas de sinais não tinham o seu valor linguístico reconhecido cientificamente. A comunicação gestual, portanto, conforme Gesser (2012), era percebida, muitas vezes, como manifestação pecaminosa e obscena, fazendo com que os Surdos fossem tidos, frequentemente, como selvagens, loucos, criminosos e até associados a maus espíritos.

A Figura 15 esquematiza, em plano geral, como os Surdos eram percebidos como seres estranhos em relação às pessoas comuns, fosse pela crença de que possuíam uma habilidade para a comunicação com os deuses, como no Egito, fosse pela convicção de que não eram capazes de raciocinar, como na Grécia³⁸, e, portanto, não conseguiriam se comunicar e usufruir de seus direitos legais, como acreditava-se em Roma.

Ainda na Idade Média, por volta dos anos 530 d.C., o que se tem notícia sobre alguma forma de sinalização é a de que “monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para se comunicar entre eles, a fim de não violar o rígido voto de silêncio” (Strobel, 2009, p.19).

³⁸ “O filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam [sic], conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: ‘... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo [sic] se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão’, ele achava absurda a intenção de ensinar o surdo a falar” (Strobel, 2009, p. 18). A razão, segundo Aristóteles, estava diretamente relacionada aos sentidos, isto é, à experiência sensorial. “No Sobre a sensação e os sensíveis”, a audição é considerada como o sentido que ajuda a desenvolver a inteligência de maneira mais elevada, tendo em vista que é através da audição que se pode conceber a compreensão da voz, pois, segundo Aristóteles, ‘o discurso racional é causa da instrução em virtude de ser audível’” (Santos; Lopes, p. 127). Os estudos do filósofo impactaram a educação dos Surdos ao longo dos séculos, com reflexos ainda nos dias de hoje. Quadros e Karnopp (2004, p.31) trazem “mitos” sobre as línguas de sinais (um deles evidencia o senso comum de que a LS é considerada “uma pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos”), que refletem até hoje na concepção da Libras como língua e, conseqüentemente, do Surdo como um sujeito com suas particularidades linguísticas, culturais e sociais.

Figura 15 - História dos Surdos - da Antiguidade ao fim da Idade Média

Egito

Os surdos eram adorados como divindades, pois os egípcios acreditavam que estes transmitiam mensagens secretas dos deuses ao Faraó, que por sua vez as transmitia ao povo. Por serem vistos como seres estranhos com uma forma diferente de se comunicar, a população, em geral, temia-os e respeitava-os.

Grécia

Para os gregos, os surdos não eram seres competentes, pois defendiam que o pensamento só se desenvolvia com a linguagem. Dessa forma, os surdos não recebiam educação. Aristóteles, em 355 a.C., defendeu que aqueles que nasciam surdos, por não terem linguagem, eram incapazes de raciocinar. Muitas vezes, eram condenados à morte ou marginalizados, juntamente com os doentes e as pessoas com problemas mentais.

Roma

Os romanos foram muito influenciados pelos gregos, por isso, a sua posição em relação aos surdos era idêntica. Para eles, os surdos eram imperfeitos e indignos de pertencer à sociedade. Os que nasciam surdos e mudos não podiam possuir propriedades, nem celebrar contratos. No entanto, os surdos que falavam tinham direitos legais, podendo ter propriedade, casar e redigir testamentos. Portanto, a capacidade da fala era muito importante.

Idade Média

Santo Agostinho (354-430 d.C.) acreditava que aqueles que tinham filhos surdos estavam pagando pelos seus pecados. Porém, defendia que os surdos podiam aprender e transmitir conhecimentos através de gestos, que seriam equivalentes à fala para salvação da alma. Até o século XII, os surdos não podiam se casar e a Igreja Católica acreditava que a alma dos surdos não era imortal, uma vez que estes não diziam os sacramentos. Em 700 d.C., em York, um arcebispo inglês, John de Beverley, ensinou um surdo a falar, sendo este o primeiro registro de tentativa de ensinar uma pessoa surda. Dessa forma, o arcebispo é considerado por muitos escritores como o primeiro educador de surdos da história.

Fonte: Carvalho³⁹, 2009, p.18-25 *apud* Barbosa; Dias, 2016. p.48

³⁹ CARVALHO, Paulo Vaz de. **História da Educação de Surdos I**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

A partir da Idade Moderna, a educação de Surdos passa a ser mais estruturada, desenvolvendo-se e consolidando-se ainda mais na Idade Contemporânea. Algumas personalidades tiveram grande destaque ao longo da história e merecem ser citadas, de forma a explicitar como o correr dos fatos impactou o ensino da língua de sinais, até ser “exportado” para os Estados Unidos (Carvalho, 2009 *apud* Barbosa; Dias, 2016). As figuras 16 e 17 mostram quais foram essas pessoas e qual a contribuição de cada uma delas ao longo da história.

Figura 16 - Personalidades importantes na educação de Surdos na Idade Moderna

 <p>Pedro Ponce de León (1520-1584)</p> <p>É considerado o primeiro professor de surdos. Viveu em um mosteiro em Oña, Espanha, e seu trabalho serviu de base a vários educadores de surdos. Fundou uma escola para surdos em San Salvador Monasterio, em Madrid, na qual educou surdos, filhos de nobres, para que pudessem herdar os bens da família.</p>	 <p>Juan Pablo Bonet (1579-1629)</p> <p>Foi um professor de surdos espanhol e o primeiro a aproveitar o trabalho de Ponce de León. Em 1620, publicou o livro "Redução das Letras e Arte para Ensinar a Falar os Mudos", no qual apresentava seu método de ensino e explicava que seria mais fácil para o surdo aprender a ler, se cada som fosse representado por uma forma visível invariável: o alfabeto manual (datilologia). Apesar disso, proibia o uso da língua de sinais e foi considerado como o primeiro educador a utilizar o método oral puro.</p>
 <p>Abade de L'Epée (1712-1789)</p> <p>Começou a ensinar surdos por razões religiosas. Seu grande mérito foi ter reconhecido que a língua de sinais existia, se desenvolvia e servia de base comunicativa essencial entre os surdos. A partir dos gestos que os surdos já conheciam, L'Epée explicava conceitos abstratos e construiu um sistema em que usava a língua de sinais na ordem gramatical do francês e que incluía sinais inventados para palavras francesas. Esse sistema foi chamado de Sinais Metódicos.</p>	 <p>Samuel Heinicke (1727-1790)</p> <p>Foi um professor de surdos alemão, que ficou conhecido como um dos maiores defensores do método oralista de ensino de surdos. Seu método era, inicialmente, baseado no ensino da escrita. Contudo, considerou insuficiente para preencher as necessidades de todos os seus alunos. Assim, começou a ensinar surdos através do método oral. Em 1778, fundou a primeira escola de surdos na Alemanha, a qual dirigiu durante 12 anos.</p>

Fonte: Carvalho, 2009, p.18-25 *apud* Barbosa; Dias, 2016. p.49.

Figura 17 - Personalidades importantes na educação de Surdos na Idade Contemporânea

 <p>Abade Sicard (1742-1822)</p> <p>Foi um abade francês e um famoso educador de surdos. Foi escolhido pelo Arcebispo de Bordéus para ser formado pelo Abade de L'Epée, com o objetivo de se tornar professor de crianças surdas. Apoiou a criação de vários institutos de surdos em toda a França.</p>	 <p>Jean Itard (1774-1838)</p> <p>Foi um médico cirurgião francês que começou a trabalhar com surdos após ter tido um paciente surdo no Instituto Nacional de Paris. Depois de o ter tratado, foi convidado como médico-residente do Instituto. O que antes era reconhecido como diferença passou a ser considerado como doença que devia ser tratada clinicamente, iniciando, assim, o discurso médico para tratar a surdez.</p>
 <p>Thomas Gallaudet (1787-1851)</p> <p>Nasceu na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos. Após conhecer uma moça surda e perceber que ela era muito inteligente e que conseguia aprender várias coisas, buscou apoio financeiro e viajou à Europa com o objetivo de aprender os métodos utilizados na Educação de Surdos. Em 1817, fundou a primeira escola de surdos nos Estados Unidos e tornou-se diretor e os professores contratados aprenderam a Língua de Sinais Francesa, acrescentando os sinais já utilizados pelos alunos.</p>	 <p>Edward Gallaudet (1837-1917)</p> <p>Filho de Thomas Gallaudet, foi um famoso educador de surdos, em Washington D.C., sendo o primeiro diretor do Instituto de Columbia para surdos e cegos, que deu origem, mais tarde, à Universidade de Gallaudet, instituição que existe até hoje e recebe alunos surdos e ouvintes. Propôs a utilização do método combinado para o ensino de surdos, utilizando a língua de sinais e a oralidade.</p>
 <p>Alexander Graham Bell (1847-1922)</p> <p>Nasceu em Edimburgo, Escócia, em uma família que trabalhava com o ensino da fala e com surdos. Depois, foi para os Estados Unidos, onde trabalhou com surdos, sempre voltado para a sua oralização. Inventou o telefone, provando o seu domínio sobre a natureza do som e quis fazer o mesmo em relação à surdez. Foi casado com uma mulher surda, que perdeu a audição na juventude e foi educada oralmente. Defendia o método oral e era opositor à língua de sinais.</p>	

Fonte: Carvalho, 2009, p.43-66 *apud* Barbosa; Dias, 2016. p.50.

Um fato muito importante e marcante na história mundial da educação dos Surdos que vale a pena ser mencionado, devido aos impactos que causa até hoje, foi a realização do Congresso Internacional de Milão, em 1880⁴⁰. No Brasil, essa filosofia

⁴⁰ O objetivo, entre outras coisas, era reunir importantes pesquisadores da época para uma discussão sobre três abordagens de ensino para surdos: a primeira, baseada na língua de sinais; a segunda era baseada na oralização; e a terceira era um método misto - composto por mímica, gestos, falas, sinais, entre outros. O Oralismo partia da concepção de que o surdo deveria ser recuperado para se enquadrar ao máximo em um modelo ouvinte. Para isso, deveria aprender a língua oral. O "oralismo puro", também conhecido como "método alemão", preconizava a filosofia de seu fundador, Samuel Heinicke (1727-1790): a de que o pensamento só era possível através da língua oral, e, por isso, os surdos deveriam aprendê-la. Acreditava-se que o ensinamento por meio de sinais significava um contrassenso em relação ao progresso dos alunos (Quadros, 2017; Lacerda, 1998). Devido à forte influência de Heinicke ainda à época do Congresso, as discussões, no evento, ficaram restritas praticamente ao oralismo em

oralista foi amplamente disseminada em torno de 1911, em função do que se divulgou como definições sobre a melhor educação para os Surdos a partir de Milão (Gesser, 2012). O rechaçamento da língua de sinais e a adesão compulsória a uma educação voltada para a recuperação da fala e da audição dos Surdos embasavam-se na concepção de que esse era o único modo de os Surdos desenvolverem-se emocional, social e cognitivamente, sendo permitida, a partir disso, a sua inserção no mundo dos ouvintes como um membro produtivo (Capovilla; Capovilla, 2004 *apud* Gesser, 2012).

Em função da repressão ao uso da LS, muitos Surdos tiveram suas mãos amarradas e foram castigados corporalmente, após tentarem uma comunicação em LS. Um exemplo dos diversos dizeres que manifestam significações visuais a respeito da dor e do prejuízo emocional, cultural, linguístico e social dos Surdos, até os dias atuais, é um quadro da artista plástica Surda Nancy Rourke⁴¹:

Figura 18 - Milan 1880 on the Table (O Congresso de Milão em cima da mesa)



Fonte: Site Nancy Rourke⁴²

contraposição à língua de sinais. Por 160 votos a 4, a decisão foi pela proibição da língua de sinais e pela adoção de métodos orais na educação de surdos. (Perlin; Strobel, 2006 *apud* Gesser, 2012).

⁴¹ Nancy Rourke nasceu em 1957, nos Estados Unidos, e formou-se em pintura e designer gráfico. As cores fortes, característica marcante em suas produções, são uma forma de protestar a favor da liberdade para os surdos serem quem são, chamando a atenção para o preconceito contra a surdez. Outros detalhes sobre as suas obras podem ser vistos em seu site oficial, disponível em: <https://www.nancyrourke.com/>. Acesso em: 02 set. 2024.

⁴² Pintura de 2017. Disponível em <https://www.nancyrourke.com/milan1880onthetable.htm>. Acesso em: 02 set. 2024.

Nessa pintura (Figura 18), Rourke, a partir de mãos cortadas expostas sobre a mesa, evidencia a censura em relação ao uso das línguas de sinais que se espalha pelo mundo após 1880. O Congresso de Milão é apenas um recorte⁴³ da história, mas que deixou efeitos negativos perceptíveis até hoje em relação à surdez e à comunicação por língua de sinais.

Observando todos estes aspectos históricos e dizeres que acabam por ancorar, ainda nos dias atuais, uma perspectiva patológica da surdez, fica mais fácil compreender como os Surdos buscam, cada vez mais, ressignificar a sua participação social a partir de um protagonismo em relação as suas escolhas, desejos e decisões, sejam pessoais, profissionais ou políticos. A partir da promulgação da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, a luta pelo reconhecimento dos aspectos identitários dos Surdos no Brasil é fortalecida. No entanto, Strobel (2008, p.11) nos diz que

não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar.

Então, segundo a mesma autora, considerar a pluralidade da Cultura Surda é admitir “a multiplicidade de manifestações e grupos culturais das mais diversas naturezas tornando o conceito da cultura mais amplo” (2008, p.17). Poderíamos, para sermos fiéis a sua natureza múltipla, usar o termo “culturas surdas”, mas optamos pelo uso do singular neste texto, ainda que consciente do seu caráter diverso. Tomamos como base, então, a cultura surda considerada como

⁴³ Apenas para fins de maiores esclarecimentos e contextualização sobre o que ocorreu no Brasil nos anos seguintes após o Congresso, trazemos ainda outras informações. Após a forte influência soberana do Oralismo no Brasil, a Comunicação Total (“método “misto”) desembarcava, no Brasil, no fim da década de 1970, e procurava utilizar linguagens distintas, como já mencionado, tendo como prioridade ainda a oralização. Este método não obteve muito sucesso, porque não preservava a estrutura da LP nem a da Libras, uma vez que os sinais eram utilizados em uma estrutura de “português sinalizado” (bimodalismo) (Quadros, 1997). Com o avanço dos estudos sobre a educação de surdos, a proposta bilíngue aparece, a partir da década de 1980, como uma alternativa aos métodos já empregados anteriormente. A educação bilíngue propõe o ensino, no espaço escolar, das duas línguas. Parte-se da LS como língua natural e o ensino da LO em sua modalidade escrita (Quadros, 1997). Com a promulgação do Decreto nº 5.626/2005 no Brasil, a necessidade de criação de escolas e classes bilíngues para os surdos fica evidente com o apoio legal – “são denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe [sic] aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005, p. 1). A Libras, portanto, deve ser ensinada como a primeira língua (L1) do surdo, e a LP escrita deve ser ensinada como segunda língua (L2).

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de [sic] povo surdo (Strobel, 2008, p. 24).

A partir do campo dos Estudos Culturais⁴⁴, Hall (1997⁴⁵ *apud* Strobel, 2008, p. 18) afirma que “a cultura que temos determina urna forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e.de compreender o mundo.” O campo da teoria cultural passa a evidenciar dizeres que afirmam as diferenças culturais dos Surdos, tomando-as como perspectivas construtivas para uma visão da diversidade. Desse modo, há um distanciamento discursivo dos estereótipos de insuficiência e menos-valia atribuídos ainda, muitas vezes, aos Surdos (Perlin; Strobel, 2008). Os dizeres passam, então, a evidenciar uma linguagem cultural da diferença, distante da necessidade de cura da surdez e de adaptação ao modelo ouvinte. “Criar o discurso da teoria cultural tem por princípio transformar as condições de enunciação” (Perlin; Strobel, 2008, p.25).

O nosso propósito ao caracterizarmos alguns importantes aspectos culturais, linguísticos e sociais dos Surdos, ao longo dos últimos seis séculos, ao menos, é evidenciarmos aspectos relevantes para as análises enunciativas que serão apresentadas neste trabalho. O primeiro grupo temático a ser analisado será “Cultura Surda” (Quadro 3):

Quadro 3 - Articulações Nominais (Grupo Temático 1: Cultura Surda)

Situação enunciativa	Articulação Subnominal	Articulação Internominal
Cultura Surda	SURDO	SETEMBRO AZUL
		PARALIMPÍADAS ⁴⁶

Fonte: Autoria própria, 2024.

⁴⁴ Originados na Inglaterra com expansão para os Estados Unidos e outros países da Europa e América Latina, os Estudos Culturais constituem um campo de pesquisa interdisciplinar para estudos na área da cultura, abordando alguns temas, como políticas de identidade, discurso e textualidade, etnia, entre outros (Perlin, Strobel, 2009; Strobel, 2008). “De acordo com Culler, ‘[...] o projeto dos Estudos Culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo modemo: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas [...]’” (1999, p. 49 *apud* Strobel, 2008, p. 18).





⁴⁵ HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: **Revista Educação e Realidade**: Cultura, Mídia e Educação. v.22, n.3 jul-dez. 1997.

⁴⁶ Lembrando que essa articulação é a composição de OLIMPIADAS e AMPUTAR).

Partimos da tese de Dias (2018, p. 118) de que os “nomes são condensações de enunciados, resultando em potencial temático”, ou seja, de que “enunciados articulados determinam a existência dos nomes na língua” (2018, p.117). Observaremos inicialmente enunciados descritivos considerados em rede enunciativa.

- FNs SURDO (e SURDO^MUDO)

Quadro 4 - FNs – Rede enunciados descritivos - FNs SURDO^MUDO/SURDO

1	Rede de enunciados descritivos	<p>- Aquele rapaz mudinho não consegue conversar.</p> <p>- Aquele homem é doente, né? Não sabe falar...</p> <p>- Eu tenho um vizinho que não fala, ele é deficiente.</p> <p>-Aquela moça faz uns gestos esquisitos...</p>	<p>- Ele não escuta, mas está estudando e trabalhando.</p> <p>- Eu tenho um amigo que fala Libras e que é professor.</p> <p>- Ele não fala com som, mas se comunica bem.</p> <p>- Ele tem vários amigos que falam com as mãos.</p>
2	Condensação		
3	Unidade nominal em posição temática	SURDO^MUDO	SURDO
4	Captura do vídeo da sinalização		
5	Link de acesso	https://youtu.be/k6UjJaJmjsY	https://youtu.be/3fUAIU0NZzA

Fonte: Autoria própria, 2024.

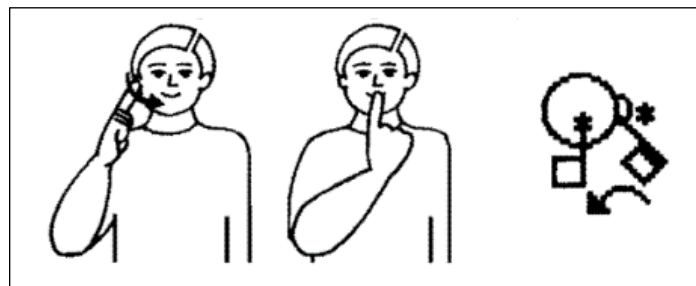
Os enunciados descritivos no Quadro 4, linha 1, foram elaborados pela própria autora, como forma de reunir dizeres sociais produzidos em situações cotidianas (do presente e do passado) sobre as pessoas que se comunicam por meio de sinais. Reunidos de forma a observá-los em redes enunciativas, evidenciamos a articulação que ocorre entre eles (cada um dentro de sua respectiva rede), construindo uma motivação social que promove a condensação (linha 2) dos dizeres em duas unidades nominais básicas (substantivos), sendo, respectivamente, *SURDO^MUDO* e *SURDO* (linha 3), representados esquematicamente em Libras nas figuras 19 e 20.

Figura 19 - Sinal SURDO^MUDO



Fonte: Capovilla; Raphael, 2008, p.2068;1549 (adaptado)⁴⁷ / Sinais diários de Libras⁴⁸

Figura 20 - Sinal SURDO



Fonte: Capovilla; Raphael, 2008, p. 2068

⁴⁷ O esquema visual da realização do sinal mais à direita dentro dos quadros foi registrado em *Signwriting*, “um esquema de escrita de sinais foi criado por Valerie Sutton, do *Center for Sutton Movement Writing*, uma especialista em sistema de escrita de movimentos. Os dois principais sistemas de representação de movimentos que ela desenvolveu são o *DanceWriting* (um sistema para representação de coreografias, aplicado ao ballet e à dança em geral) e o *SignWriting* (um sistema para representação de gestos, aplicado às línguas de sinais)” (Sutton, [s.d.], p. 3). Como essa representação (“sinal + *SignWriting*”) não pôde ser coletada da forma como está representada na Figura 19, adaptamos as imagens das respectivas páginas indicadas - 2068 e 1549 - para que pudéssemos mostrar aqui a sinalização de forma completa. As formas de representação dos sinais não serão exploradas aqui. Para mais informações, consulte https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/escritaDeSinaisIII/assets/256/TEXT0_BASE_ELSIII.pdf

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8XQUdNaIEQ> Acesso em: 15 set. 2024.

Ao observarmos as FNs SURDO^MUDO (uma articulação intranominal entre duas bases⁴⁹, SURDO e MUDO) e SURDO (articulação subnominal), percebemos que elas se ancoram em perspectivas sociais distintas da surdez (Araújo, 2023a, 2023b). À primeira estão associadas uma história de enunciações que afirmam e reafirmam a falta de audição como uma condição de inferioridade e incapacidade, sustentando materialmente um referencial histórico atrelado à visão clínico-terapêutica da surdez⁵⁰. À segunda estão ancorados dizeres que trazem uma nova perspectiva dos ouvintes sobre os sujeitos Surdos – e destes sobre si mesmos - sustentados em um cenário enunciativo que designa a surdez por um viés socioantropológico.

Com um novo olhar perspectivado pela surdez como diferença⁵¹, e não como deficiência (Skliar⁵², 1998 *apud* Rodrigues, 2008, p.13), a referência à questão da “impossibilidade da fala ” como sentido a ser qualificado materialmente na língua deixa de ser demandado socialmente, apagando-se aos poucos como uma nominalização pertinente. Na Libras, então, essa nova mobilização de sentidos (valorização dos aspectos identitários dos Surdos em detrimento de uma visão corretiva da falta de audição) vai se amoldando materialmente na constituição da FN, possível de ser percebida pela mudança do segundo movimento que compõe o sinal SURDO.

No sinal SURDO^MUDO, percebemos a estruturação com duas CMs distintas (uma no início e outra no fim do movimento). A segunda CM no sinal localiza-se em frente à boca, fazendo uma alusão à impossibilidade de fala, ou seja, materializando visualmente os dizeres sobre “surdos não podem falar”. Já em SURDO, a CM se mantém a mesma durante toda a realização do sinal, funcionando apenas como formas visuais qualificadas constituintes da FN SURDO.

Percebemos desta forma, então, que as razões enunciativas já estáveis na Libras para a constituição da FN SURDO^MUDO são reordenadas a partir de novos

⁴⁹ Dias (2018), como apresentado no item 3.1.1, considera articulação intranominal aquela formada por base + formante. Aqui estamos tomando como critério a composição visual dos nomes em Libras. Outras FNs nesta mesma condição serão apresentadas ao longo das análises. Reflexões sobre isso serão apresentadas nas Considerações Finais.

⁵⁰ “O modelo clínico-terapêutico trouxe uma visão estritamente relacionada à surdez como patologia, enfatizando o déficit biológico. Assim, aqueles que se alicerçam nesse modelo consideram a surdez como mera deficiência sensorial. [...] Na visão sócio-antropológica [*sic*], compreende-se a surdez como uma experiência visual, ou seja, como uma maneira específica de se construir a realidade histórica, política, social e cultural. (Rodrigues, 2008, p.57-58;60)

⁵¹ Skliar deixa claro que a diferença aqui deve ser entendida como uma construção histórica e social, resultante de conflitos sociais e por práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos, e não uma questão meramente retórica (Skliar, 1998 *apud* Rodrigues, 2008).

⁵² SKLIAR, C. (Org). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

sentidos sociais sobre “aquele que não adota a língua oral como sua primeira língua”. Desse modo, um novo domínio de mobilização é constituído, fazendo com que a nova FN SURDO sustente materialmente o referencial histórico e a pertinência do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento (Dias, 2018) – temos então o acontecimento enunciativo na Libras.

Abaixo, como exemplificações de usos dessas FNs em “disputa” pela pertinência enunciativa, podemos observar alguns enunciados em Libras e também em LP, já que os domínios de mobilização vão se constituindo nos “entre-espacos” onde essas duas línguas transitam.

Nos quadros de análises, serão exibidas as glosas; a tradução em LP, indicada imediatamente abaixo, em itálico.

Quadro 5 – FN SURDO



<POR QUE SER SURDO>qu⁵³

Por que sou surdo?

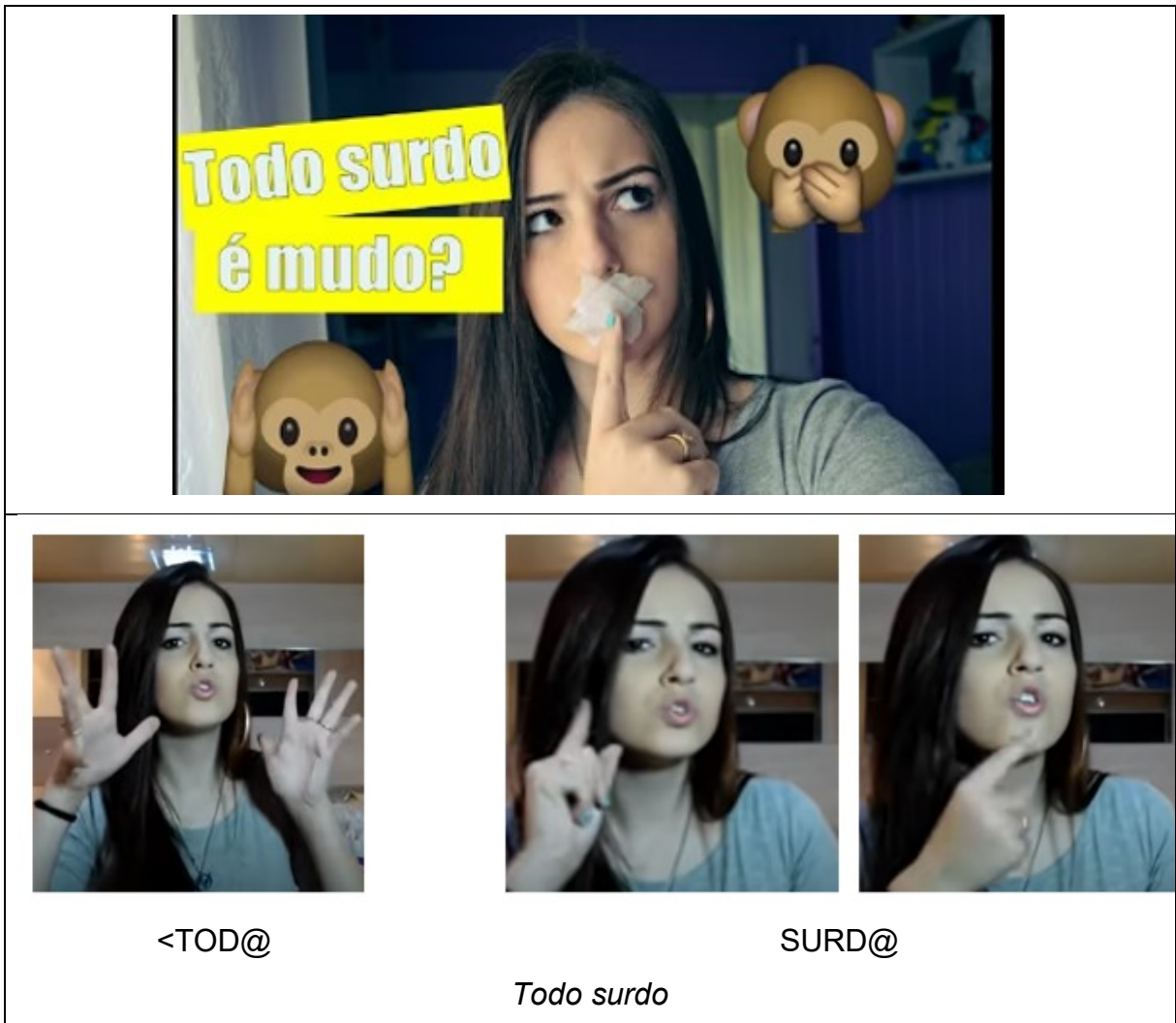
Fonte: Isflocos⁵⁴

⁵³ Os enunciados em Libras, tais como foram sinalizados, são mostrados por *prints*, permitindo a visualização dos enunciados em frames.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD1P9HiWUa4&t=123s> Acesso em: 11 set. 2024.

No Quadro 5, observamos a “capa” do vídeo “Sou surdo”, protagonizado pelo Gabriel Isaac. Ele é surdo, bastante conhecido na Comunidade Surda e posta vídeos sobre diversos temas relevantes para este público. No vídeo em questão, ele identifica-se como SURDO e narra alguns episódios de sua vida, desde o seu nascimento. O título do vídeo já coloca visualmente em destaque a FN SURDO, assumindo-se, discursivamente, a condição política, histórica e social desses sujeitos como ancoragem de referenciais históricos positivos, atualizados pelos dizeres sobre esse - e por esse - público.

Quadro 6 - FN SURDO^MUDO





Fonte: Visurdo⁵⁵

No Quadro 6, em um dos vídeos do canal do *Youtube* chamado Visurdo (criado por dois irmãos Surdos) observamos como a questão da fala (ou da falta dela) ainda (res)significa, como ponto central, a identidade dos Surdos, circulando em enunciados entre muitos ouvintes, a ponto de, a partir de qualquer busca rápida no *Google*, encontrarmos vídeos e muitas postagens imagéticas buscando esclarecer a diferença entre os termos SURDO e SURDO^MUDO (para nós, FNs).

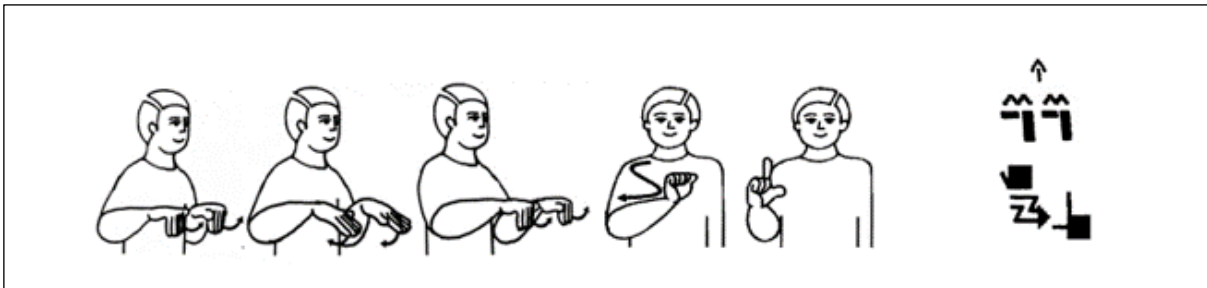
O que fica claro, em casos como esse, é que a “pertinência enunciativa constitui-se como ancoragem do histórico na atualidade das demandas do dizer. Nessa perspectiva, as formações nominais adquirem o papel de agregar essa demanda da atualidade na pertinência com o referencial histórico” (Dias, 2018, p.197), isto é, ainda é preciso dizer, significar e atualizar o sentido do que ainda hoje é constituído como “surdos-mudos”. Conforme Strobel diz, “a surdez começa a ser inventada noutra perspectiva, a dos próprios surdos. O imaginário toma outros entornos e há rupturas com o imaginário social, representando os surdos [sic] a partir da falta” (2008, p. 14).

• FN SETEMBRO AZUL

Passemos então à análise das FNs internominais. Iniciaremos pela FN SETEMBRO AZUL.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B4N3RnQURyo&t=38s> Acesso em: 01 set. 2024.

Figura 21 - Sinal SETEMBRO AZUL



Fonte: Capovilla; Raphael, 2008, p.1194;344

Conforme o que Dias (2018) define como FNs internominais – arquitetura que “envolve as motivações enunciativas que o nome contrai na constituição do grupo nominal” - unidade complexa – passaremos a análise da FN citada na Figura 21 (p.118).

Dentro do cenário “de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome” (Dias, 2018, p. 120), observaremos a composição do nome-núcleo (SETEMBRO) + convergente adjetival (AZUL). Segundo Dias (2018, p. 120),

na análise semântica que estamos empreendendo, não se trata de saber porque as entidades extralinguísticas têm um nome X ou Y, muito menos de saber o porquê de uma determinada nomeação. Do ponto de vista de uma abordagem enunciativa, trata-se de saber que há um cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome. Nessa direção, a relação entre um nome e uma entidade ou situação designada não é direta. Um nome resume uma história enunciativa da percepção das entidades expressa nos enunciados descritivos. Essa percepção das entidades e situações advém da constituição do seu sentido na história. A descrição dessa entidade já é efeito de um gesto de percepção de uma entidade ou situação, tendo passado por sua estabilização na história.

Na composição da FN SETEMBRO AZUL, o nono mês do ano é um período que ancora muitos dizeres sobre fatos históricos que impactaram fortemente a caminhada de luta dos Surdos. Coincidentemente, há várias datas comemorativas nesse mês, fazendo com seja um período de reflexão, comemoração e luta pelos direitos e conquistas dos Surdos e Comunidade Surda.

Dentre elas, temos, nos meses de setembro de diferentes anos, o dia 11 do ano 1880, como a data que teria ocorrido o Congresso de Milão; o dia 09 do ano de 2009, como a data que teria ocorrido o Seminário Nacional em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos; dia 23, que é o Dia Internacional da Língua de Sinais; no dia 26, comemora-se o Dia Nacional do Surdo, em função da inauguração da primeira

escola de Surdos do Brasil ter sido inaugurada neste mês em 1857; e, finalmente, dia 30, no qual comemoramos o Dia Internacional do Surdo e o Dia Internacional do profissional Tradutor e Intérprete (Silva *et al*, [s.d], n.p.).

Um marco fundamental ocorrido em setembro, que contribui com dizeres sobre a importância da luta da Comunidade Surda relacionada a vários aspectos, foi a mobilização nacional a favor das escolas bilíngües para Surdos, ocorrida em 2011. Uma matéria da Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (USP) contextualiza de forma geral e breve alguns acontecimentos:

[...] vale lembrar que na medida em que a língua brasileira de sinais (libras) [sic] ganha visibilidade e legitimidade, agentes políticos tentam distanciar a surdez das outras ditas deficiências no que se refere à prática de uma língua específica, a qual é adquirida, sobretudo, no espaço escolar, onde o sujeito surdo encontra seus pares. Por outro lado, nesse mesmo processo, tem-se legitimado um modelo educacional que prevê a inclusão nas escolas regulares de crianças com quaisquer deficiências, o que implicaria no fechamento das escolas especiais para surdos. Recentemente, essa tensão entre a inclusão de pessoas com deficiência em escolas regulares e a educação de surdos tornou-se ainda mais aguda devido a alguns acontecimentos recentes⁵⁶ que precisam ser considerados (Silva; Assênsio, 2011, n.p.).

O resultado de todo esse processo político e histórico surgiu como Movimento Surdo, em favor da Educação e da Cultura Surda, o que acabou gerando o evento *Setembro Azul*, para o qual foram previstas diversas atividades, como teatros, seminários, manifestações em passeatas, audiências públicas e exposições em defesa das escolas bilíngües para surdos. “A cor azul, ou mais especificamente o azul turquesa, de acordo com informes do movimento, foi escolhido para representar a Comunidade Surda em todo o mundo, gerando então o ‘Setembro Azul’” (Silva; Assênsio, 2011, n.p.).

O convergente AZUL, sinalizado nos mesmos cenários enunciativos em que o mês de setembro se situa, apoia-se em um referencial histórico de sofrimento e exclusão dos Surdos à época de Segunda Guerra Mundial, em meio à Alemanha nazista. Como forma de identificação nos campos de concentração, uma fita azul era amarrada em um dos braços dos judeus Surdos. Por volta de 1933, o governo de

⁵⁶ Os acontecimentos recentes aos quais o texto se refere são: não atendimento às reivindicações de ativistas políticos da surdez, surdos e intérpretes para o Plano Nacional de Educação 2011-2020, fruto de um posicionamento contrário politicamente às escolas especiais; o outro fator refere-se ao risco de fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado no RJ, Patrimônio Histórico e Cultural da Comunidade Surda Brasileira.

Adolf Hitler instituiu o que foi denominado de “Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias⁵⁷”, cujo objetivo era a esterilização compulsória ou a eutanásia de quem sofria de alguma doença hereditária com probabilidade de sofrimento físico ou mental. Alegando razões econômicas e científicas para justificar o extermínio, o governo nazista propôs uma política de promoção da eugenia do povo alemão e a eliminação das “vidas sem valor social”, e a surdez enquadrava-se nesse critério.

No entanto, com avanços sociais e aportes legais (como a Lei nº 11.796/2008⁵⁸), que fortalecem a surdez como identidade, o convergente AZUL passou a constituir enunciativamente a FN internominal SETEMBRO AZUL, materializando a articulação entre uma nova mobilização social de sentidos relacionados à importância da visibilidade surda (dimensão imaterial da constituição da FN) e à dimensão formal do sentido (a própria língua).

Dessa forma, podemos perceber que as motivações enunciativas das articulações que o nome SETEMBRO contrai na constituição do grupo nominal (SETEMBRO AZUL) ancoram o acontecimento enunciativo dessa FN na língua, como uma arquitetura visível de um processo de significação na LS. Quando surge, na Libras, a necessidade de uma nominalização para um determinado período da história, marcado por ações e manifestações que impactaram politicamente toda a Comunidade Surda, cria-se a pertinência da *marcação da diferença* entre o setembro como um mês comum e o setembro para os Surdos (e Comunidade).

Em outras palavras, “setembro” continua marcando o referencial histórico de fatos muito relevantes para a Comunidade, ocorridos em um “determinado período de 30 dias, ainda que em anos distintos”; no entanto, a demanda do presente do enunciar ancora a pertinência enunciativa da convergência de AZUL ao nome SETEMBRO, sustentando dizeres sobre outras significações, como a de que as lutas e as conquistas de mudanças sociais importantes para a Comunidade devem ser comemoradas e reconhecidas constantemente para que outras possam vir.

E é aí que podemos observar claramente, na constituição dessa FN, o conceito de *memorável*, desenvolvido por Guimarães (2002), que “pode ser compreendido justamente na injunção de uma temporalidade constituída enunciativamente na

⁵⁷ Esta lei pode ser consultada na Revista CEJ, disponível em: <https://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/961/1132>. Acesso em: 13 set. 2024.

⁵⁸ A Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008, instituiu o Dia Nacional do Surdo, que é celebrado em 26 de setembro. A data foi escolhida para homenagear a fundação do INES.

relação com um passado, fazendo-o significar” (Dias, 2018, p. 173). Do mesmo modo, observamos também uma *futuridade*, que alicerça as razões enunciativas para a continuidade das lutas da Comunidade Surda.

Figura 22 - Sinalização SETEMBRO AZUL



Fonte: SME Goiânia⁵⁹

Em seu canal no *Youtube*, a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia publicou, em setembro de 2021, um vídeo em Libras intitulado “Setembro Azul - Mês da visibilidade da Comunidade Surda Brasileira”. O objetivo do vídeo é conscientizar as pessoas sobre a importância das reivindicações e conquistas dessa comunidade, como o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira, o direito a intérprete nas instituições de ensino e nos vestibulares, por exemplo, e a importância das ações de acessibilidade que promovem a cidadania.

Observemos, então, a partir das imagens sinalizadas no Quadro 7, o uso da FN SETEMBRO AZUL (em recorte na Figura 22).

⁵⁹ Canal da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. “Setembro Azul - Mês da visibilidade da Comunidade Surda Brasileira. Vamos falar em Libras?” Ep. 19. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ABA8dFXk00Q> Acesso em: 17 set. 2024.

Quadro 7 - FN SETEMBRO AZUL (em uso)



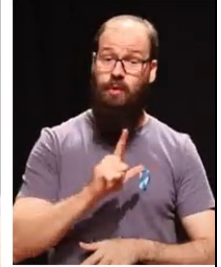
MÊS



SETEMBRO



AZUL



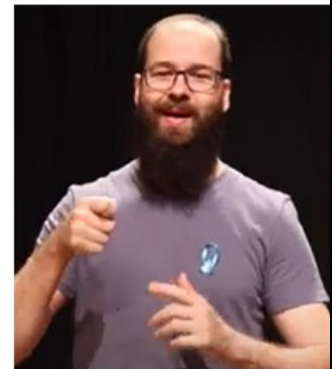
Setembro Azul



TAMBÉM



SIGNIFICAR



SINAL

também conhecido



MÊS



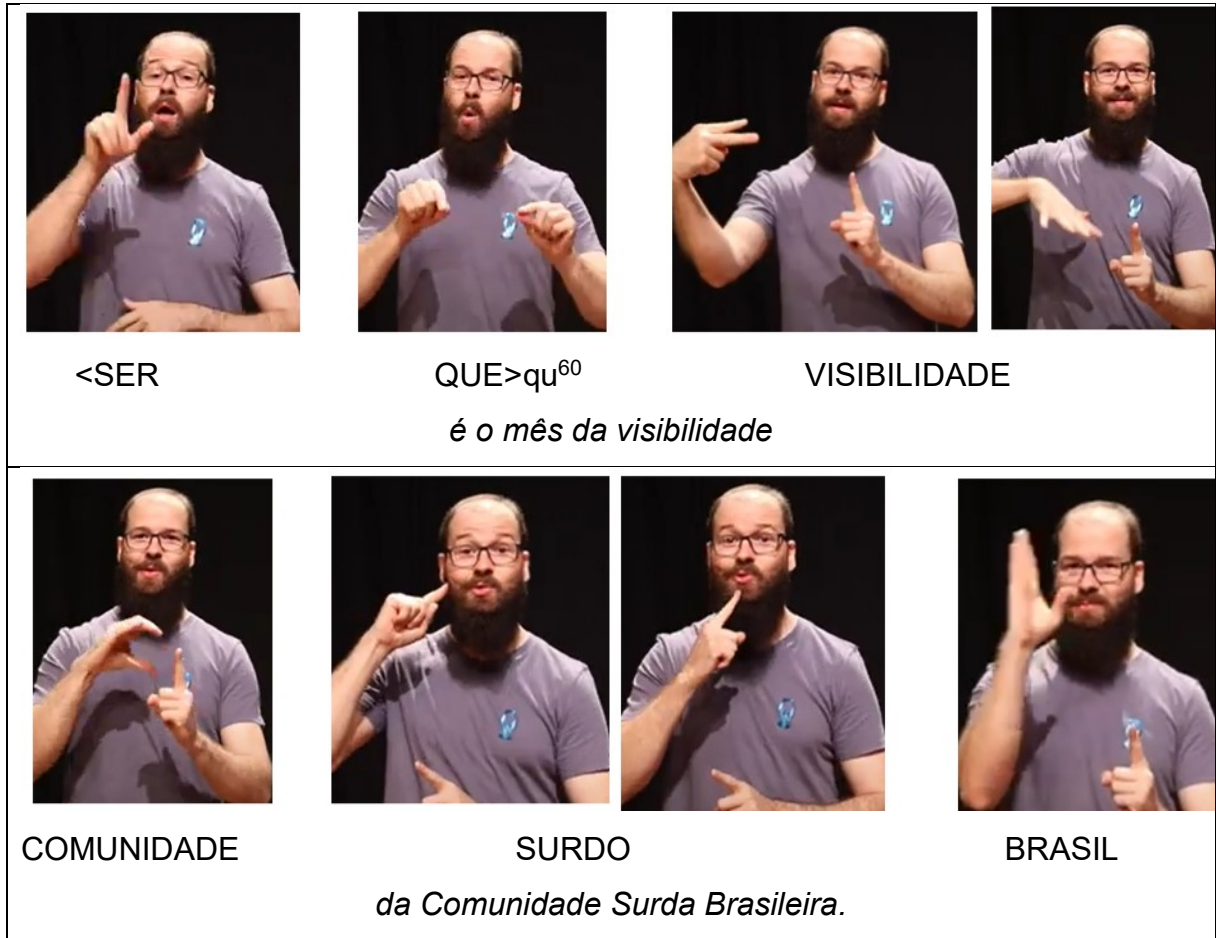
SURD@



SETEMBRO



como Setembro Surdo




Fonte: SME Goiânia⁶¹

Observando os dizeres no Quadro 7, podemos reafirmar a importância da atualização dos dizeres sobre o evento Setembro Azul para a Comunidade Surda e para as pessoas ouvintes, que, em sua maioria, desconhecem as necessidades e as conquistas da pessoa Surda ao longo da história recente no Brasil. SETEMBRO AZUL é então uma forma linguística que significa em “relação de articulação com os domínios de mobilidade de sentidos, tendo em vista referenciais históricos, e com as relações de pertinência com outras formas, constituindo unidades de significação mais amplas” (Dias, 2018, p.38).

⁶⁰ Is indica o escopo da realização da marca não manual de “levantamento de sobrancelhas”, evidenciando uma pergunta.

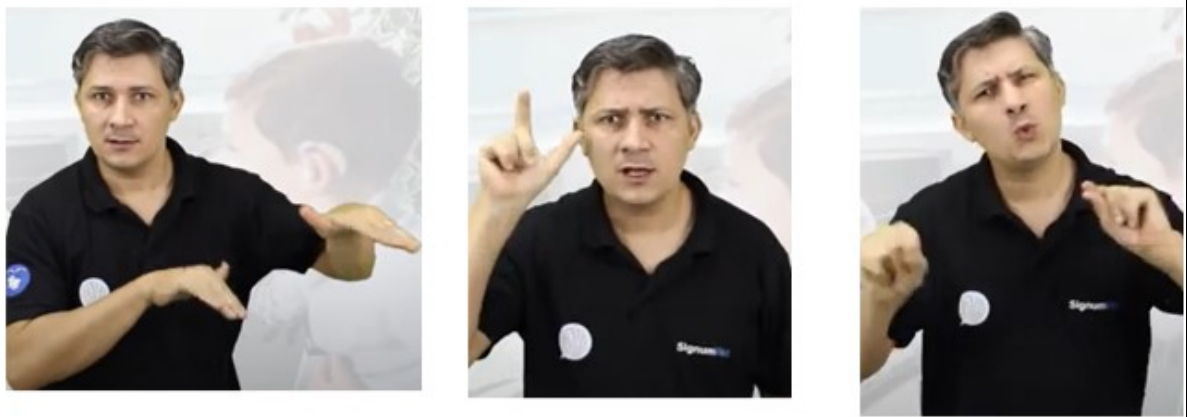
⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ABA8dFXk00Q> Acesso em: 17 set. 2024.

Quadro 8 - FN SETEMBRO AZUL (O que é e qual a importância dessa campanha?)



OLÁ HOJE EXPLICAR ASSUNTO

Olá! Hoje nós vamos falar sobre



SETEMBRO AZUL <QUE>qu

o Setembro Azul. O que é?



Fonte: SignumWeb⁶²

A importância discursiva e enunciativa da FN SETEMBRO AZUL dentro da Comunidade Surda, principalmente, é mais uma vez atualizada, conforme o que podemos observar no Quadro 8. “Na condição de captar um processo” [...] de significação que envolve as motivações enunciativas contraídas pelo nome (na constituição do grupo nominal), “ela é concebida como uma formação articulatória que abriga um campo de pertinências entre o memorável e a atualidade do acontecimento” (Dias, 2018, p. 173-174).

- FN PARALIMPÍADAS

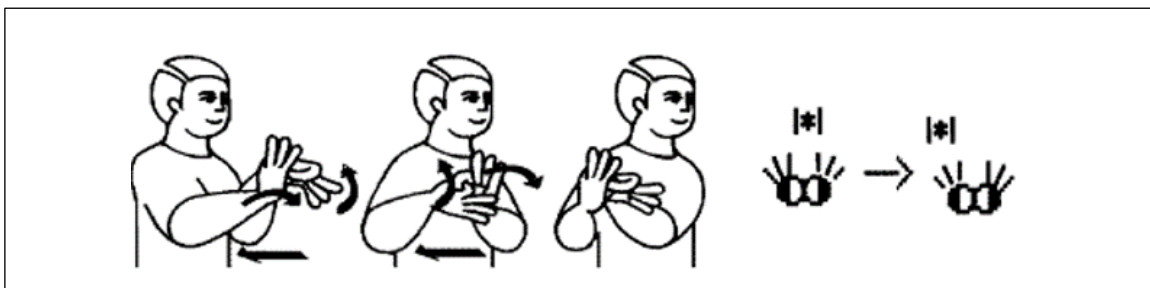
Ainda na perspectiva da dimensão internominal, abordaremos aqui uma rede de sentidos que ancora a articulação entre língua de sinais e dizeres sociais para a constituição da significação dessa FN (Dias, 2018).

A competição envolvendo atletas com algum tipo de deficiência ocorreu pela primeira vez em 1948, dia da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Londres. A primeira competição para atletas em cadeira de rodas, conhecida como Jogos Stoke Mandeville, foi um marco para a história paralímpica. Em 1960, na Itália, esses mesmos jogos passaram a ser concebidos oficialmente como Jogos Paralímpicos, realizado com cerca de 400 atletas de 23 países. Desde então, eles acontecem a cada quatro anos (IPC, [s.d.]).

⁶² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8dBiJy8W_LA Acesso em: 19 set. 2024.

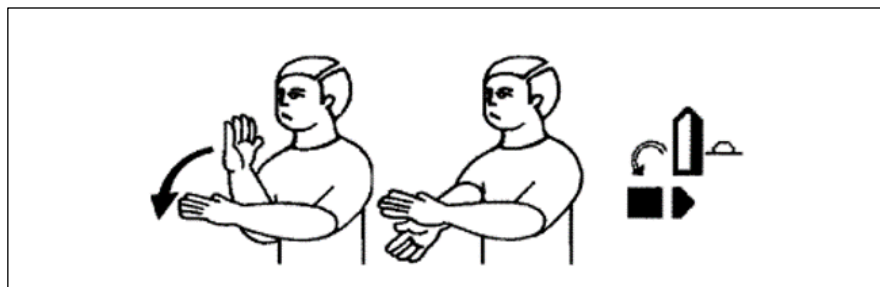
Os Surdos competem em um evento específico para eles, as Surdolimpíadas⁶³, o evento multiesportivo mais antigo depois dos Jogos Olímpicos, com ocorrência de 4 em 4 anos. No entanto, em 2021, um artista Surdo, conhecido como Léo Castilho, posta um vídeo, em sua página no *Instagram*, com uma crítica em relação ao sinal PARALIMPÍADAS, circulante até então. Observe as figuras 23 e 24 (para acompanhar como era feita a sinalização original - OLIMPIADAS + AMPUTAR – (2 bases)⁶⁴ na Libras e, em seguida, observe também o Quadro 9.

Figura 23 - Sinal OLIMPIADAS



Fonte: Capovilla; Raphael, 2008, p. 1625

Figura 24 – Sinal AMPUTAR

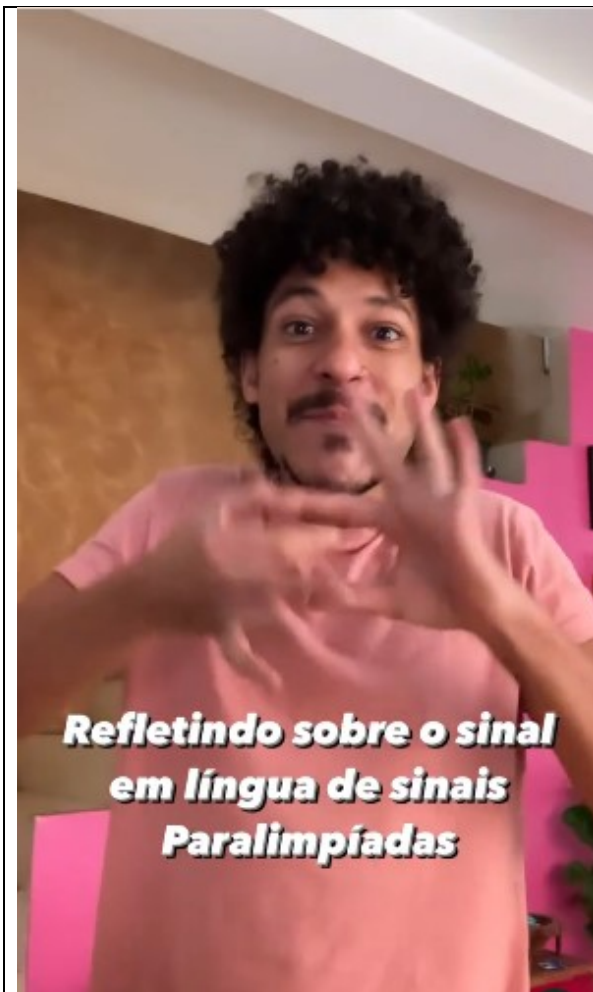


Fonte: Capovilla; Raphael, 2008, p. 237

⁶³ Disponível em: <https://www.ucs.br/site/24th-summer-deaflympics/pt/historia-da-surdolimpiadas/>
Acesso em: 01 ago. 2024.

⁶⁴ Temos ciência de que AMPUTAR (como verbo) não seria uma “base” nos moldes de Dias (2018, 2023). O que nos faz pensar sobre a natureza de bases que podem ser constituintes das FNs internominais na Libras. Outras glosas também seriam possíveis neste caso, como OLIMPIADAS AMPUTADOS ou ÔLIMPIADAS DEFICIENTES; considerando desta forma, teríamos “base + base”, de forma semelhante ao que expõe Dias (2023). AMPUTADOS E DEFICIENTES’ não seriam adjetivos nessas formações, e, sim, nomes.

Quadro 9 - FN PARALIMPÍADAS (ancoragem negativa)



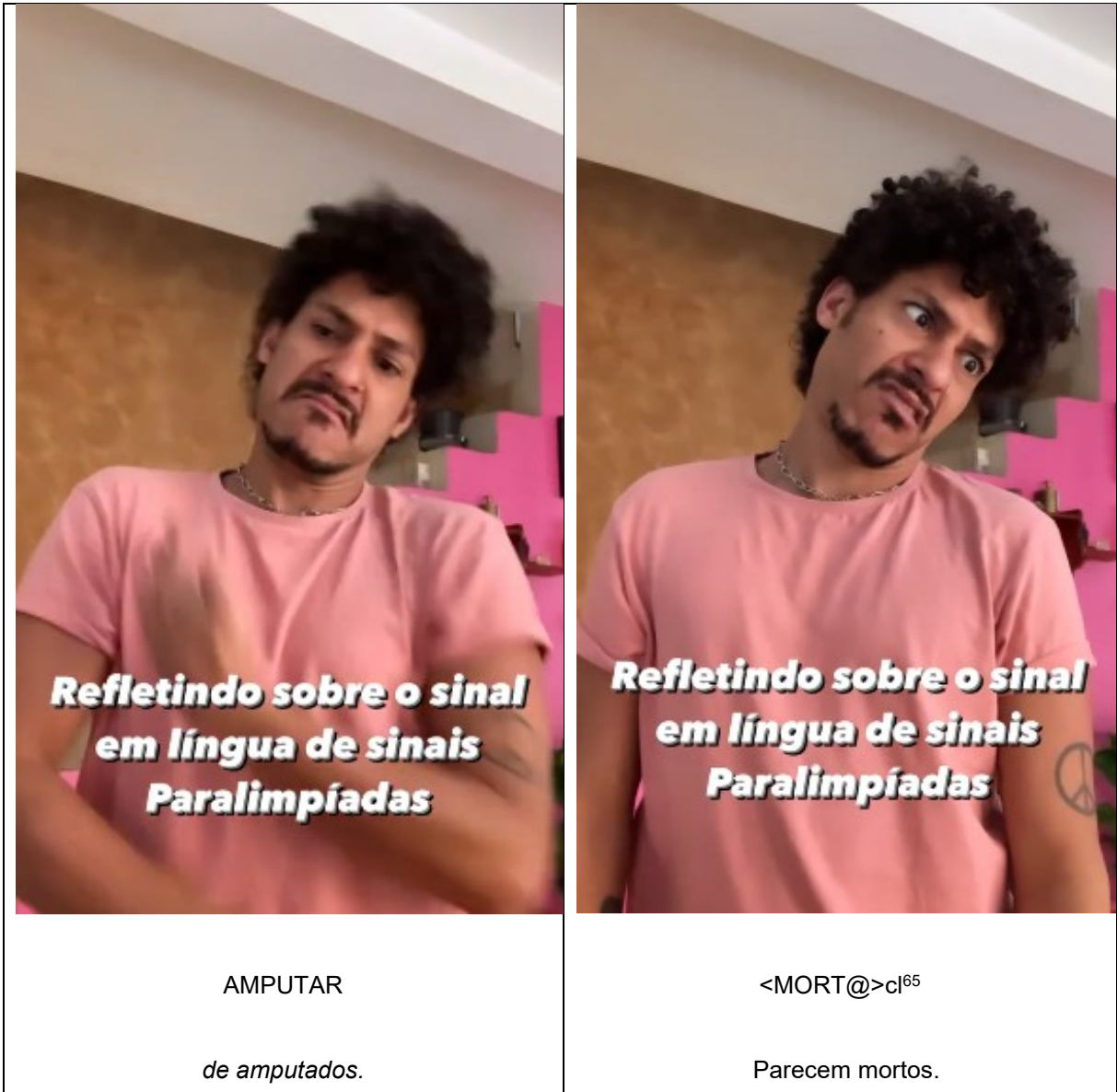
OLIMPÍADAS

Olimpíadas



AMPUTAR

de amputados



⁶⁵ “cl” é a indicação para Classificador, um recurso específico das línguas de sinais. No caso em exemplo, o sinalizante não produz o sinal ‘MORTO’ ou ‘MORRER’, que seria realizado pela mão passando no pescoço (algo como “cortar o pescoço”), mas assume corporalmente o estado inanimado de quem já está sem vida.

Refletindo sobre o sinal em língua de sinais Parolimpíadas

HUMMMMMM...(coçando o queixo)

Hummmm.... Será?

leocastilho • Seguindo
Áudio original

leocastilho 160 sem
Estou refletindo sobre o sinal em língua de sinais: Parolimpíadas... cortando os braços??? Acho meio estranho...
#libras #parolimpiadas
#tokyoparalymphics #reflexão #surdos
#linguadesinais
Ver tradução

marcela.moreira.186 160 sem
Feio né pqp

sarah.b.castro 160 sem
Não gostei este sinal

Curtido por libras_na_enfermagemoficial e outras pessoas
24 de agosto de 2021

Comentários dos seguidores a respeito da observação do sinalizante

Fonte: @leocastilho⁶⁶

Com as mudanças das últimas décadas em relação ao modo como as pessoas com deficiência estão sendo percebidas e valorizadas (vide algumas ações legais para maior inserção e inclusão dessas pessoas em sociedade, como a Lei nº 13.146/2015⁶⁷), a percepção das potencialidades dessas pessoas também tem sido modificada e cada vez mais presente socialmente. A partir disso, novas razões sociais

⁶⁶ Léo Castilho é um artista de grande visibilidade na Comunidade Surda. Vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CS9t8SkFQov/?igshid=MDJmNzVzMjY%3D> Acesso em 15 ago. 2024.

⁶⁷ Esta lei é conhecida também como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, e visa assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/cIVIL_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em: 15 set. 2024.

passam a circular discursivamente em referência ao limite de atuação (e superação) dessas pessoas em diversos segmentos sociais (Araújo, 2023a, 2023b) Concentrando-se na inclusão e inserção dessas pessoas no cenário esportivo, Léo Castilho propõe uma *nova sinalização* (uma nova FN) para PARALIMPÍADAS (vide Quadro 10).

Quadro 10 - FN PARALIMPÍADAS (ancoragem positiva)





PARALIMPÍADAS

que formam o sinal

(início da execução do novo sinal)



PARALIMPÍADAS

Paralimpíadas

(execução do novo sinal)



⁶⁸ O sinal de exclamação (!) pode aparecer na glosa se o enunciado em Libras for uma interjeição.



⁶⁹ Nesse caso, o sinalizador não faz o sinal específico para MAIS, e sim um gesto (de estalar os dedos) indicando a intensidade.



Bem mais bonito
rrsrrsrrs

<MAIS++> estalando os dedos)
Bem mais!

leocastilho • Seguindo
Áudio original

leocastilho 160 sem
Achei muito bonito e MUITO LONGE daquele sinal que corta os braços hehehehe, e esse representa muito bem a bandeira de Paralimpíadas!!! O que acharam???

#libras #linguadesinais #surdos
#surdes #paralympics #paralimpiadas
Ver tradução

moreira.fefe 156 sem
Bem melhooor!! 🍌🍌🍌

Responder Ver tradução ...

ronycarvalho 157 sem
Obrigado @leocastilho 🙏

Responder Ver tradução

Curtido por aannemagalhaes e outras pessoas
24 de agosto de 2021

Comentários dos seguidores

Fonte: @leocastilho⁷⁰

Observamos, então, a partir do Quadro 10, que o sinalizante propõe uma nova FN motivada pela visualidade do símbolo do evento (essa representação visual, conhecida como “agitos paralímpicos”, é inspirada na ideia de movimento - em latim, “agito” quer dizer ‘eu me movo’) (Araújo, 2023b), passando a “descolar” a competição esportiva de um referencial de incapacidade que estava atrelado à mutilação, à falta). Desse modo, a nova FN PARALIMPÍADAS é ancorada em novos referenciais sociais que remetem à inclusão, à percepção da deficiência não mais como limite. Observamos então, que, devido a um novo domínio de mobilização, que atualiza novos sentidos sociais, passamos de uma FN originalmente articulada

⁷⁰ Vídeo disponível em: https://www.instagram.com/reel/CS-Gq6mpg_n/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng== Acesso em: 15 ago. 2024.

internominalmente para uma FN subnominal (de acordo com a visualidade da FN em Libras).

Assim, por uma demanda da atualidade do dizer (pertinência enunciativa), o referencial histórico é atualizado.

Dando seguimento à análise das articulações na Libras, passaremos então ao grupo temático 2, conforme Quadro 11:

Quadro 11 - FNs Pandemia (Grupo Temático 2)

Situação enunciativa	Articulação subnominal	Articulação intranominal
Pandemia	LOCKDOWN	QUARENTENA
		HOME^OFFICE

Fonte: Autoria própria, 2024.

Antes de passarmos à análise diretamente das FNs, precisamos repassar alguns episódios e fatos ocorridos na Pandemia da Covid-19, importantes para a compreensão das razões históricas que mobilizaram as FNs em foco.



No fim de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre a ocorrência de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Tratava-se de um novo tipo (cepa) de vírus que não tinha sido identificado antes em seres humanos. A partir de 30 de janeiro de 2020, o surto do novo coronavírus passa a ser tratado como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. “Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo ‘pandemia’ se refere à distribuição geográfica de uma doença, e não à sua gravidade” (Opas, [s.d.]).

Como a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, as relações sociais, comerciais, trabalhistas e políticas foram afetadas fortemente. Todas as áreas sociais foram impactadas por novos costumes e hábitos adquiridos compulsoriamente, em função de uma proteção mínima da saúde das pessoas. E toda essa transformação social não poderia deixar de ser evidenciada e capturada pela esfera linguística.

- FN LOCKDOWN

De modo a apresentar alguns enunciados descritivos que são condensados na FN subnominal LOCKDOWN, organizamos o Quadro 12:

Quadro 12 - Rede de enunciados descritivos – FN LOCKDOWN

1	Rede de enunciados descritivos ⁷¹	<p>As lojas fechadas não podem abrir na quarentena.</p> <p>O fechamento das lojas deixa toda a cidade deserta.</p> <p>Lojas fechadas; então eu compro tudo pela internet.</p>
2	Condensação	
3	Unidade nominal em posição temática	<p>LOCKDOWN</p>
4	Captura da sinalização	
5	Link de acesso	<p>https://www.youtube.com/watch?v=lugklUkpwuE&t=3s</p>

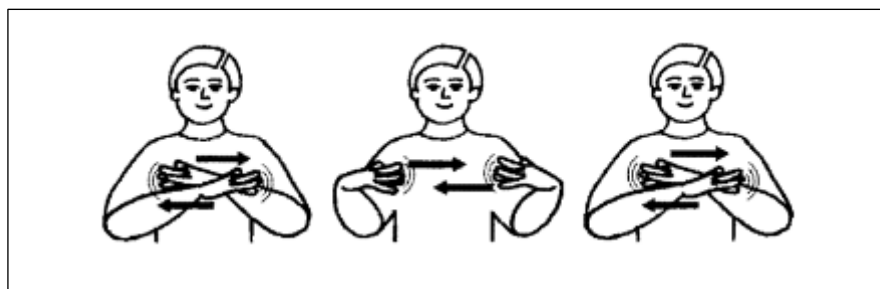
Fonte: Autoria própria, 2024.

⁷¹ Os enunciados foram construídos pela própria autora, como alguém que também viveu o processo da Pandemia.

A rede de enunciados referentes à necessidade de ficar em casa circulou em diversas mídias no período da Pandemia da Covid-19. Devido aos questionamentos sociais sobre a obrigatoriedade de novos costumes e de outros comportamentos diante da Pandemia, sobre as consequências de se aderir ou não ao *lockdown*, uma nova rede de sentidos sociais passou a constituir as redes enunciativas (Araújo, 2023b). A nova articulação entre a rede de sentidos e o aspecto material da língua passa a nomear toda a rede de dizeres sobre a necessidade de confinamento das pessoas em todo o Brasil. Em função disso, essa FN surge e entra no léxico da Libras, à medida que materializa visualmente o acontecimento enunciativo.

A partir do vídeo disponibilizado no Quadro 12 (linha 5), podemos perceber que a FN LOCKDOWN é parcialmente composta pelo mesmo movimento que configura o sinal de CIDADE⁷², ilustrado na Figura 25. Esse sinal, já dicionarizado, é composto pelo movimento dos dedos e dos braços, que se deslocam em sentidos opostos, como mostram as setas na ilustração.

Figura 25 - Sinal CIDADE

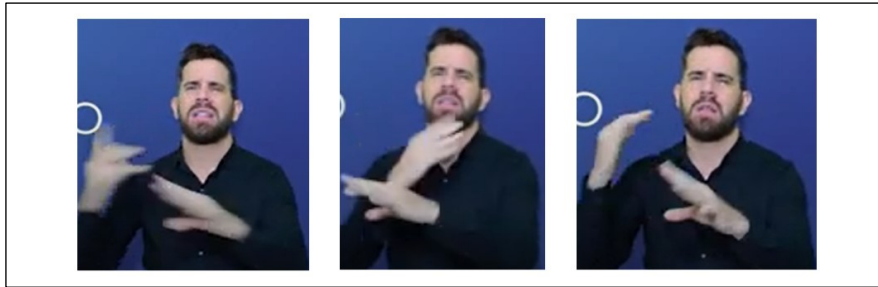


Fonte: Capovilla, Raphael; Maurício, 2013, p. 588.

Esse movimento também é visível nas constituições das significações referentes à “aglomeração”, ou a “locais públicos” (Figura 26). Como forma de alerta e divulgação de informações sobre a pandemia ao público Surdo, a TV UFG, da Universidade Federal de Goiás, veicula no *Youtube*, e em seu canal de televisão, informações sobre os “cuidados necessários para se evitar a propagação do Coronavírus”, como, por exemplo, o contato com muitas pessoas ao mesmo tempo.

⁷² Este sinal originalmente era um classificador que poderia indicar circulação/ movimentação de várias pessoas; depois, ele se lexicalizou, ou seja, entrou na língua, podendo se referir à cidade ou ao centro de uma cidade.

Figura 26 - AGLOMERAR



Fonte: TV UFG⁷³

Na Figura 26, o movimento realizado como parte do sinal LOCKDOWN (idêntico ao já apresentado na Figura 25) indica trânsito ou fluxo de pessoas em locais públicos. No recorte do vídeo da TV UFG (Quadro 13), observa-se que este movimento se refere a grandes movimentações, o que deveria ser evitado no cenário da pandemia.

Quadro 13 - “EVITE AGLOMERAÇÕES”

POR QUE FICAR EM CASA ?







SE



aSAIRb⁷⁴

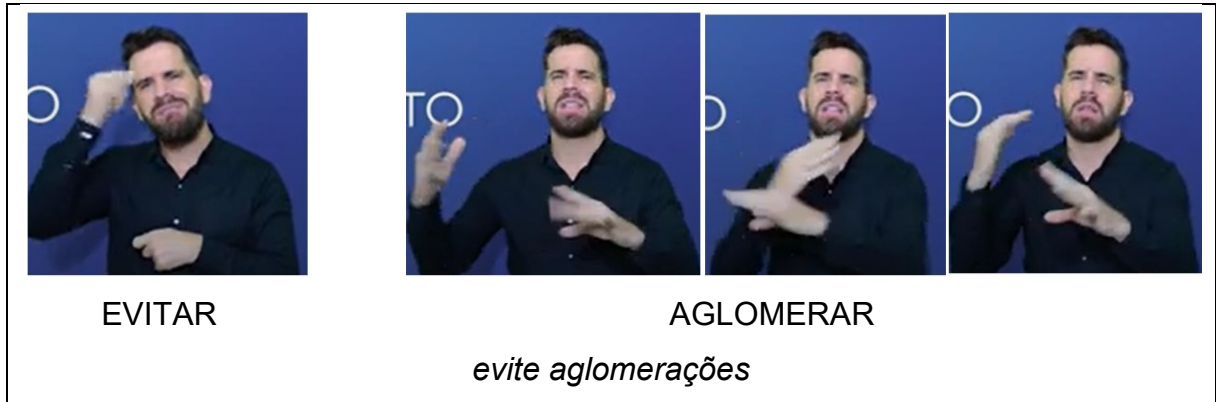
Se precisar sair



PRECISAR

⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQ5QTjC2mEo> Acesso em: 07 ago 2024.

⁷⁴ Os índices “a” e “b” indicam apenas que o verbo SAIR desloca-se no espaço, iniciando em um ponto “a”, mais próximo do corpo, e finalizando em um ponto “b”, mais longe do corpo.



Fonte: TV UFG⁷⁵

A FN LOCKDOWN se materializa, então, incluindo, em sua estrutura, o sinal CIDADE, seguido de um rápido movimento de “fechar as mãos”, em referência a uma paralisação abrupta da circulação de pessoas (já evidenciado também no Quadro 13. Além disso, concomitantemente ao movimento manual de “fechar as mãos”, percebemos um movimento da boca (ENM) de “sugar as bochechas”. Em uso na Libras, essa ENM indica “ausência, “algo desprovido de conteúdo, de qualquer coisa” (Capovilla; Raphael, 2008, p. 2209), aparecendo também em outros sinais na Libras.

O sinal VAZIO, por exemplo, representado na Figura 27, é constituído pelo movimento das mãos para baixo, acompanhado do sugar da boca e da bochecha.

Figura 27 - Sinal VAZIO



Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 1302.

Juntamente com essas análises, percebe-se que a FN LOCKDOWN se materializa a partir de dois sinais que possuem, cada um, o seu referencial histórico: o primeiro, materializado pelo sinal “CIDADE”, baseado num memorável que carrega o sentido de um local no qual há grande circulação de pessoas; o segundo, que se materializa pela ENM “bochechas sugadas”, é constituído por uma rede de sentidos

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQ5QTjC2mEo> Acesso em: 07 ago 2024.

que indica “ausência de conteúdo”, materializando visualmente o desaparecimento abrupto das pessoas nos locais públicos, que são caracterizados por trânsito intenso de pessoas.

Então, podemos observar, a partir da FN LOCKDOWN, que

as formações, articulatoriamente configuradas, sustentam materialmente o referencial histórico, a memória das significações dos seus termos e a pertinência do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento (Dias, 2018, p. 143).

Desse modo, a constituição visual da FN assume uma instância subnominal, articulando-se em apenas um sinal.

Passemos então à categoria das articulações intranominais, analisando as razões enunciativas que potencializam a composição de duas unidades formadoras em apenas um nome/uma formação nominal. Traremos as duas últimas FNs desse estudo.

- FN QUARENTENA

Diante dos perigos de contaminação em um cenário pandêmico, uma das recomendações⁷⁶ da OMS era a quarentena:

Quarentena é a restrição de atividades ou separação de pessoas que foram presumivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação).

A quarentena pode ser aplicada em nível individual, como por exemplo: para uma pessoa que volta de viagem internacional ou para contatos próximos de caso suspeito ou confirmado de coronavírus; ou em nível coletivo, como por exemplo: quarentena de um navio, um bairro ou uma cidade, e geralmente envolve restrição ao domicílio ou outro local designado. Pode ser voluntária ou mandatória (TelessaúdeRS, 2020, [n.p.]

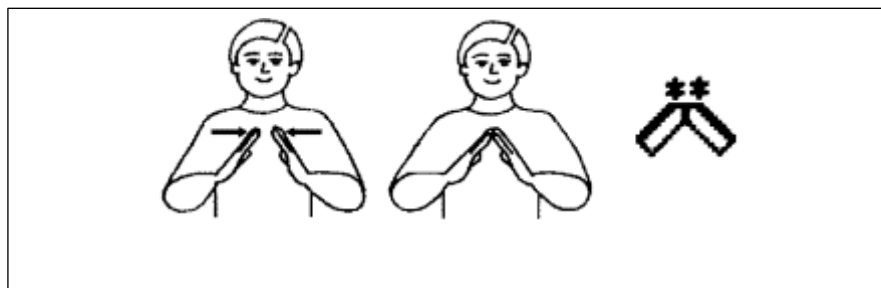
No caso do Brasil, a quarentena passou a ser quase um isolamento social, diante da morosidade que as possibilidades de contaminação foram controladas. Desse modo, eram muito comuns alguns dizeres como esses: “Não podemos sair, ficaremos em casa”; “Nesse período, precisamos ficar em casa”; “As pessoas devem

⁷⁶ Para saber mais sobre isolamento social, distanciamento e quarentena, acesse: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/coronavirus/blog/duvidas-qual-a-diferenca-entre-isolamento-social-quarentena-e-distanciamento-social/> Acesso em: 18 set. 2024.

ficar distantes umas das outras”. Essa nova mobilização de dizeres, ancorados a um novo referencial histórico (“quarentena” passa a ser estendida para um limite indefinido de tempo, para um modo de viver cotidianamente, ainda que não tenha havido contato com alguém contaminado - quarentena coletiva e/ou individual prolongada).

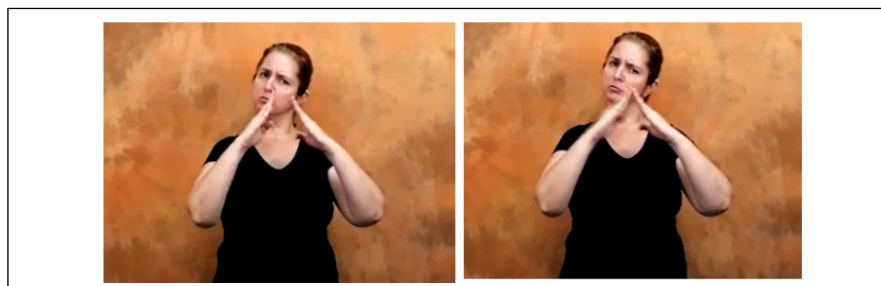
Na Libras, observamos a FN QUARENTENA em alguns enunciados, e sua constituição agrega por composição CASA^QUARENTENA. Observe as Figuras 28, 28.1 e 29:

Figura 28 - Sinal CASA



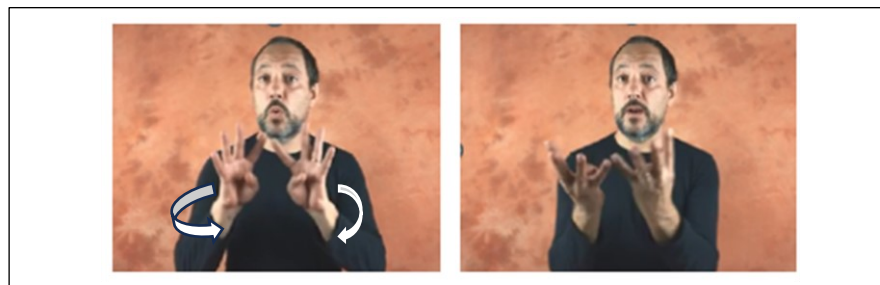
Fonte: Capovilla, Raphael; Maurício, 2013, p. 532.

Figura 28.1 Sinalização CASA



Fonte: SpreadtheSign⁷⁷

Figura 29 - Sinalização QUARENTENA



Fonte: SpreadtheSign⁷⁸

⁷⁷ Site de documentação de sinais de vários lugares do mundo. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/> Acesso em: 10 ago. 2024.

⁷⁸ Idem

Observe agora o enunciado com a FN em análise no Quadro 14:

Quadro 14 - FN QUARENTENA (Dicas para organizar a vida)

The infographic at the top features logos for 'COVID-19 EM LIBRAS' and 'TILSP' (Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras | Língua Portuguesa - UFSCar). The main text reads 'Psicologia Bilíngue Informe' and 'Dicas para organizar a vida durante o isolamento'. Below this is a sequence of seven photographs showing a woman performing sign language. The first two are labeled 'AGORA' and 'QUARENTENA' with the caption 'Agora com a quarentena'. The last three are labeled 'FICAR', 'CASA', and 'FAMÍLIA' with the caption 'precisamos ficar em casa com a família.'.

Fonte: Audiovisual TILSP⁷⁹

⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yg7HHKNixjc> Acesso em: 2 ago. 2024.

O vídeo indicado no Quadro 14 foi realizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e divulgado durante a Pandemia do Covid-19. O objetivo era compartilhar dicas e orientações com alunos Surdos, para que pudessem enfrentar aquele período da melhor forma possível.

No recorte realizado, ao observamos o uso e a constituição componencial da FN QUARENTENA (dimensão intranominal), notamos que as razões enunciativas para essa formação se deviam ao novo modo de se viver durante a Pandemia da Covid-19. As pessoas precisaram se adaptar rapidamente a uma rotina diária bastante restritiva em relação aos espaços sociais. Esse novo cenário mundial obviamente mobilizou dizeres que se ancoravam em um referencial histórico de privação/autocuidado. Desse modo, podemos dizer que a Libras passou a enunciar espacialmente essa nova demanda do dizer por meio da composição CASA^QUARENTENA, visibilizando o ambiente da casa como um lugar de proteção.

O Quadro 15 traz um recorte de um vídeo publicado pela Apae Florianópolis, que também tinha o intuito de esclarecer as famílias com as quais se relacionavam sobre o período da quarentena.

Quadro 15 - - FN QUARENTENA – Apae





PERCEBER



IMPORTÂNCIA

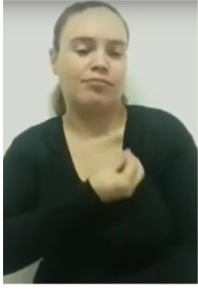
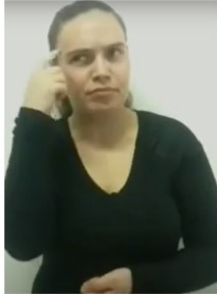
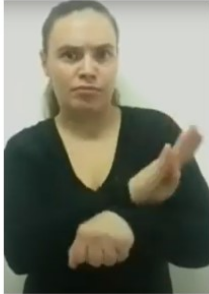
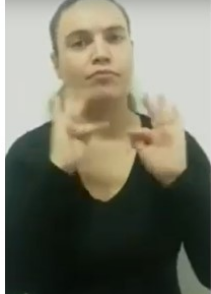
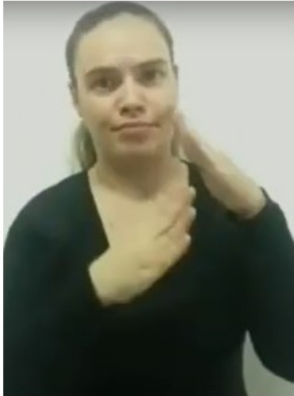
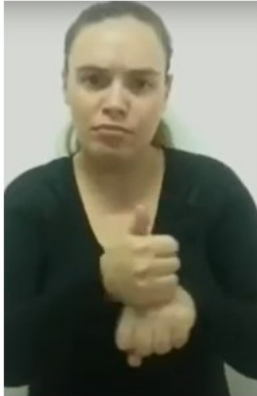
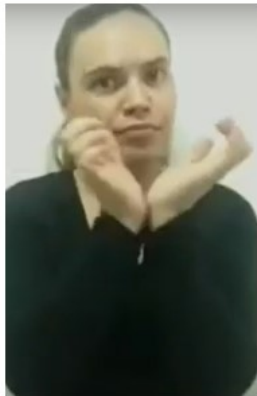
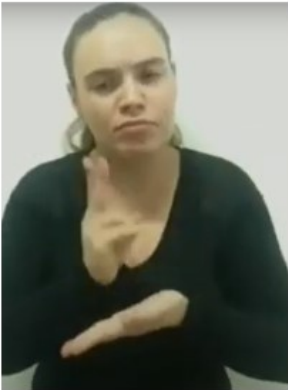

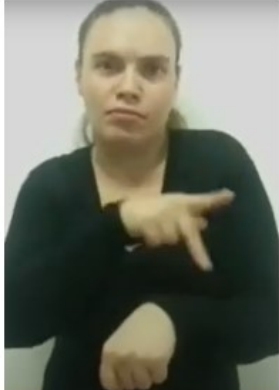


ATIVIDADE



ATIVIDADE

Percebendo a importância das atividades

				
VIDA	ALUN@	PENSAR	aAJUDARb	FAMÍLIA
<i>na vida</i>	<i>dos alunos</i>	<i>e pensando</i>	<i>em ajudar</i>	<i>as famílias</i>
				
QUARENTENA	PROFISSIONAL	APAE		
<i>nessa quarentena</i>	<i>os profissionais</i>	<i>da Apae</i>		
				
CONTINUAR	TRABALHO	PEDAGÓGICO		
<i>continuaram</i>	<i>o trabalho</i>	<i>pedagógico</i>		

Fonte: Apae Florianópolis⁸⁰

⁸⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5-4luP6fyM&t=78s> Acesso em: 13 set. 2024.

Ao observarmos ainda um segundo exemplo de uso da FN QUARENTENA , estamos observando também como a FN se comporta como uma forma linguística. Nas palavras de Dias (2018, p. 38), temos que

Ser **forma linguística** é significar em relação de articulação com os domínios de mobilidade de sentidos, tendo em vista referenciais históricos, e com as relações de pertinência com outras formas, constituindo unidades de significação mais amplas.

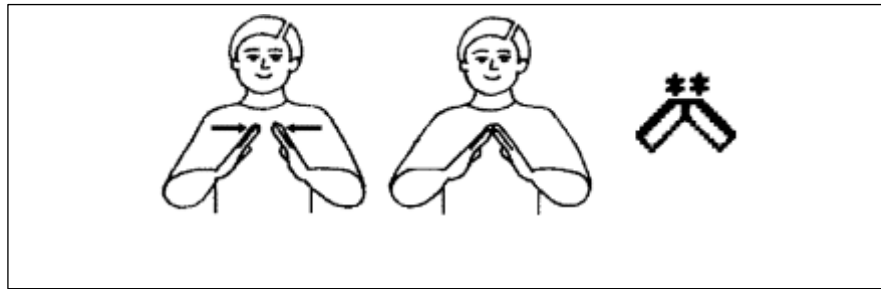
Assim, podemos atestar que a articulação internominal em CASA^QUARENTENA amplia o seu escopo de significação (para além de CASA e para além de QUARENTENA). Passemos então para a última FN a ser analisada neste trabalho.

- FN HOME^OFFICE

Ainda com a Pandemia da Covid-19 em curso, a única possibilidade para a maioria das empresas e trabalhadores continuarem as suas funções e obrigações foi a adoção do *home office*, ou, em uma tradução literal, “escritório em casa”. Com a impossibilidade de deslocamentos e contatos sociais, essa modalidade de trabalho se expandiu, e tem apresentado tendência de permanência na maioria das companhias, mesmo após a volta à normalidade.

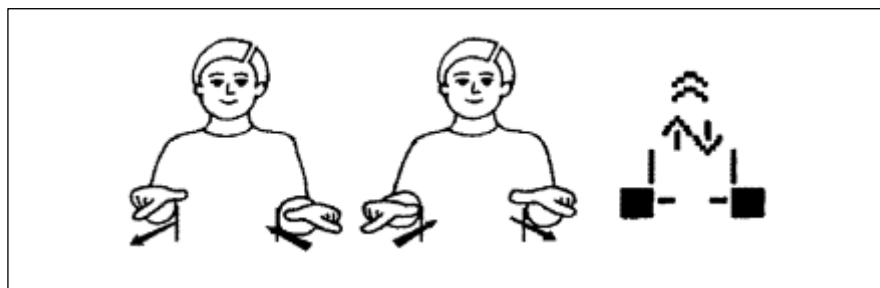
A área da saúde, por exemplo, com possibilidade inimaginável de atendimento rotineiro a distância há alguns anos, hoje presta diversos tipos de atendimentos de forma bastante profícua. As vantagens do *home office* (ou “teletrabalho” ou “trabalho em casa”) são inúmeras: melhoria da qualidade de vida, maior equilíbrio na relação trabalho e família, maior produtividade, flexibilidade, redução de custo e tempo de deslocamento (Vilarinho; Paschoal; Demo, 2020). Observemos a composição do sinal HOME^OFFICE (Figuras 30 e 31) e a sua sinalização (Figura 32).

Figura 30 - Sinal CASA



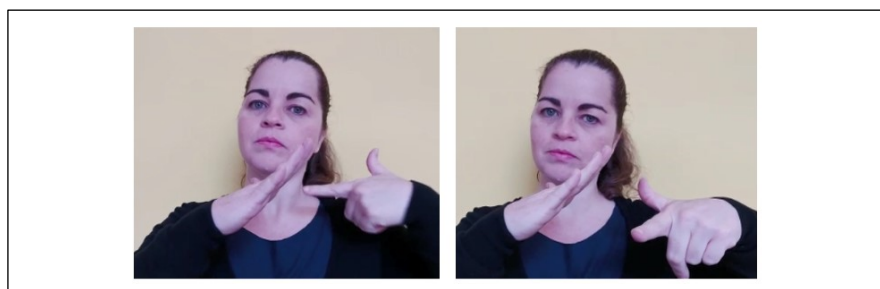
Fonte: Capovilla; Raphael; Maurício, 2013, p. 532.

Figura 31 - Sinal TRABALHO



Fonte: Capovilla, Raphael; Maurício, 2013, p.2139.

Figura 32 - Sinalização HOME OFFICE



Fonte: Autoria própria, 2024.

Observando a formação desse nome sob o ponto de vista da composição, percebemos uma integração linguística de duas unidades da Libras - CASA e TRABALHO – que resultam em uma terceira: a FN HOME[^]OFFICE, uma articulação intranominal, constituída a partir de razões de ordem enunciativa. Vejamos essa FN em uso na língua no Quadro 16.

Quadro 16 – FN HOME^OFFICE

TRABALHO SOBRECARGA MAIORIA MULHER

A sobrecarga de trabalho que recai normalmente sobre a maioria das mulheres

PESSOA REGIÃO DOBRAR HOME^OFFICE

aumentou com o home office na Pandemia

Fonte: Jornalismo TV Cultura⁸¹

Devido às orientações de distanciamento social durante a Pandemia, surge um novo modo de trabalho, instituído pela urgente necessidade de adaptação da atividade laboral em espaços domésticos (Araújo, 2023a). Essa mudança impacta profundamente a significação que as atividades remuneradas têm socialmente em

⁸¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTnYIJvLRvI> Acesso em: 02 set 2024.

todo o mundo, o que é evidenciado na língua. Em função disso, surgem novas razões reordenadas com base em sentidos sociais, constituindo o domínio de mobilização.

Segundo Dias, temos que:

[...] aquilo que é enunciável só é apreendido como tal, em caso de unidades que se articulam de maneira a construir formulações socialmente pertinentes. Por sua vez, a articulação de unidades só cumpre seu papel de apreender o enunciável se ela se assenta em formas regulares, combinadas segundo padrões relativamente estáveis. (Dias, 2018, p.149)

Dessa forma, HOME[^]OFFICE torna-se um acontecimento enunciativo (um acontecimento da produção de sentido), passando a fazer parte dos dizeres sociais que se ancoram a partir da pertinência enunciativa (demanda do presente do enunciar) articulada ao referencial histórico. Esse acontecimento enunciativo (em uma estrutura intranominal) ocorre na Libras, permitindo o compartilhamento visual do sentido de que o trabalho deveria, naquele período, ser realizado em um espaço restrito e localizado, a casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em qualquer pesquisa linguística sobre língua de sinais, é fundamental um olhar atento e especial para a experiência visual de estar no mundo por parte dos Surdos. Um estudo em Semântica da Enunciação com esse escopo, precisa, sobretudo, compreender os sentidos a partir do VER, considerando a especificidade dos aspectos linguísticos, culturais e sociais tão específicos dessa Comunidade.

Ao longo do trabalho, fica claro que a visualidade do sujeito Surdo é um aspecto constituinte no processo de nominalização na Libras, portanto, os vínculos entre as unidades que se articulam se manifestam de forma espaço-visual, e, assim como nas línguas orais, também não são aleatórios; o que os determina são as relações de sentido que circulam na Comunidade Surda. No entanto, é importante percebermos que as formações nominais se constituem a partir de um espaço de enunciação dinamizado por duas línguas, a Libras e a LP (pois ouvintes e Surdos se relacionam, principalmente através dos intérpretes), mas é somente para o público usuário da língua de sinais que elas se atualizam.

O estudo das formações nominais na Libras nos permite compreender nitidamente como os Surdos (e a Comunidade) se apropriam e mobilizam redes de sentido, significando corporalmente as experiências. Fica-nos evidente também, nessa pesquisa, o impacto da modalidade espaço-visual na constituição, na materialização e na circulação social das formações nominais, um processo que, por vezes, pode ser privilegiadamente flagrado em redes sociais.

Outro ponto importante em relação à diferença de modalidade dessa língua é a conceituação de “intranominalidade” apresentada neste estudo. Ao observarmos composições como HOME[^]OFFICE, QUARENTENA e SURDO[^]MUDO, constituídas sem a presença de formantes (apenas por bases), passamos a nos perguntar: há formantes na Libras? De que maneira eles se apresentariam na constituição dessas articulações? O conceito de intranominalidade contemplaria esses novos vínculos ou esse estudo poderia contribuir para um novo conceito? Pensamos que as articulações intranominais, como foram apresentadas neste estudo, evidenciam possibilidades de composição de nomes/FNs (base +base) na língua de sinais de uma maneira distinta da LP, mas ainda sim poderiam compor essa categoria, pois apresentam-se imbricadas visualmente, constituindo-se em um único nome. De todo modo, não abarcamos, neste estudo, os desdobramentos dessas questões.

Um aspecto também gerado pela pesquisa relaciona-se à materialidade do acontecimento enunciativo na Libras. Tendo em vista que a soletração manual compõe o léxico da LS e que esta é usada, por exemplo, para conceitos que ainda não possuem sinais específicos, um outro caminho de investigação seria sobre alguma possível diferenciação como *acontecimento* entre o uso da datilologia e os sinais que circulam socialmente, principalmente sob o ponto de vista dos Surdos. O acontecimento poderia acontecer em camadas na Libras?

Uma outra reflexão bastante interessante que surge a partir desta pesquisa, apesar de não ser desenvolvida, são as expressões não manuais (faciais e corporais) e a iconicidade⁸² na LS em relação ao nosso aporte teórico. Como ficou claro nessa pesquisa, a dimensão visual está extremamente imbricada às relações de significação na Libras, portanto, partimos da concepção de que a iconicidade e as expressões não manuais também possuem uma historicidade, afinal, os sentidos são construídos enunciativamente. No entanto, por este viés de pesquisa exigir um outro recorte e metodologia, não o analisamos neste estudo.

Ao longo do trabalho, a investigação sobre formações nominais na Libras foi um grande desafio, na medida em que nos exigiu um olhar para a arquitetura visual das articulações e para a estrutura dos sinais, de forma a entender claramente como a constituição enunciativa dos nomes se dava em uma língua dessa modalidade. Por tudo isso e por tantas outras questões ainda por se desvendar na LS, esperamos que essa pesquisa, sob a perspectiva dos estudos enunciativos, possa contribuir com investigações semânticas sobre as línguas de sinais, campo ainda muito pouco explorado por pesquisadores.

⁸² “Os sinais podem ser motivados (sinais icônicos e dêiticos), intermediários e/ou arbitrários. A iconicidade reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente, tornando o sinal transparente e permitindo que a compreensão do significado seja mais facilmente apreendida. Assim, mesmo não se conhecendo bem uma língua, há uma motivação do signo com relação ao referente. Entretanto, cabe salientar que apenas uma parte do léxico possui esta característica. Ao lado desta iconicidade, há também a arbitrariedade, já que alguns sinais não representam associações ou semelhanças visuais com o referente” (Quadros; Karnopp, 2007, p. 32-33).

REFERÊNCIAS

ABL. Academia Brasileira de Letras. **Busca no Vocabulário**. 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=23> Acesso em: 15 out. 2024.

ALBUQUERQUE, R. C. DE. A Lei de prevenção de doenças hereditárias e o programa de eutanásia durante a segunda guerra mundial. **Revista CEJ**, p. 43-51, v.12 n.40 jan./mar. 2008. Disponível em: <http://revistacej.cjf.jus.br/cej/index.php/revcej/article/view/961>. Acesso em: 13 set. 2024.

ARAÚJO, F. S. A Constituição Espaço-Visual da Nominalidade na Língua Brasileira de Sinais: um olhar enunciativo. In: DIAS, L. F.; DALMASCHIO, L.; DIAS, T. N. (orgs.) **A dinâmica do sentido pelos caminhos da enunciação**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2023a. p.244-259. E-book. ISBN: 978-65-87237-62-6. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/EnuncMaterialidadeLing2021.pdf>. Acesso em 18 jul. 2024. DEPOIS

ARAÚJO, F. S. Articulações Espaço-Visuais na Constituição da Nominalidade na Língua Brasileira de Sinais. In: 9º Seminário Nacional e 3º Seminário Internacional de Língua e Literatura? Interseções: o (In)Comum das Diferenças. 2023b. **Anais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 1-788. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/anais-9o-seminario-nacional-e-3o-seminario-internacional-de-lingua-e-literatura-intersecoes-o-incomum-das-diferencas/> Acesso em 20 ago. 2024.

BARBOSA, E. R. A.; DIAS, R. **Navegando no universo surdo**: a multimodalidade a favor do ensino de português como segunda língua em um curso EAD. 2016. 344 p., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/RMSA-AHVLT3>. Acesso em: 10 set. 2024.

BERNARDINO, E. L. A. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 01 set. 2024.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.796 de 29 de outubro de 2008. **Institui o Dia Nacional dos Surdos.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11796.htm#:~:text=L11796&text=LEI%20N%C2%BA%2011.796%2C%20DE%2029,e%20120o%20da%20Rep%C3%ABlica. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/cCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em: 15 set. 2024.

BRASIL. Nações Unidas. **Chefe da Organização Mundial da Saúde declara o fim da COVID-19 como uma emergência de saúde global.** 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde> Acesso em: 17 out. 2024.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira.** São Paulo: Edusp, 2008. v.1 e 2.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras-Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras).** São Paulo: Edusp, 2013. v.1 e 2.

CHRISTMANN, K. E.; DOMINGOS, F. K. P.; OLIVEIRA, J. S.; QUADROS, R. M. O software ELAN como ferramenta para transcrição, organização de dados e pesquisa em aquisição da língua de sinais. In: **Anais do IX Encontro do CELSUL.** Palhoça, SC, 2010. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/5759208-O-software-elan-como-ferramenta-para-transcricao-organizacao-de-dados-e-pesquisa-em-aquisicao-da-lingua-de-sinais.html>> Acesso em 11 ago. 2024

DALTRO, R. C. S. J; XAVIER., A. N. ISSN Nº 1807-1597. V. 11, Edição número 39 de agosto de 2024/fevereiro de 2025- p. Análise da iconicidade das configurações de mão estáveis e dinâmicas na formação de sinais da Libras. **Revista Interletras.** Dourados/RS. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/revistas/interletras?trabalho=1834>. Acesso em: 12 out. 2024.

DIAS, L. F. Acontecimento Enunciativo e Formação Sintática. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos. Nº 35.** Campinas: Projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil, p. 99-138– jan-jun. 2015.

DIAS, L. F. **Enunciação e Relações Linguísticas.** Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, L. F. **O português brasileiro no cotidiano:** enunciação e ensino. 2024 (no prelo).

DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na Semântica. **Revista Estudos da Língua(gem),** Vitória da Conquista, V. 13, n. 1, p. 1-290, junho de 2015.

DIAS, L. F. Redes Enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 155–172, 2023. DOI: 10.20396/lil.v26i51.8673668. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673668>. Acesso em: 18 out. 2024.

ENSP/Fiocruz. **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais**. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. Disponível em: https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf Acesso em: 15 ago. 2024.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 71-79.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2002.

IPC. International Paralympic Committee. **Jogos Paralímpicos**. Disponível em: https://www.paralympic-org.translate.goog/ipc/history? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr_pto=sc Acesso em: 20 set. 2024.

LADD, P. **Em busca da Surdidade 1**. Colonização dos Surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd"Universo, 2013.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 46, p. 68–80, set. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/#> Acesso em: 1 set. 2024.

MAIA, G. K. P. **O uso da Libras sob a perspectiva das figuras de linguagem**. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais. 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. **Notas recomendação COVID-19. 2024**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surtiu-o-coronavirus> Acesso em: 20 out. 2024.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo>. Acesso em: 3 set. 2024.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Material didático desenvolvido para o curso de Letras-Libras EaD. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria da Educacao e Estudos S urdos pronta.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria%20da%20Educacao%20e%20Estudos%20Surdos_pronta.pdf) Acesso em: 09 set. 2024.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REGIANE, L; MADEIRA, D. Educação dos Surdos: em repúdio às declarações do Mec, pesquisadores defendem bilinguismo e pedagogia surda. **Revista da FENEIS**, Rio de Janeiro. n.41. p. 16-17. set-nov 2010.

RODRIGUES, C. H. R. **Situações de incompreensão vivenciadas por professor ouvinte e alunos surdos em sala de aula**: processos interpretativos e oportunidades de aprendizagem. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação e Linguagem). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-85LMNK>. Acesso em: 17 set. 2024.

SANTOS, F. C. A; LOPES, M. **A unidade da sensação em Aristóteles**. 2019. 161p. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13103/A%20unidade%20da%20sensa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Arist%C3%B3teles%20-%20tese%20-%20Felipe%20Calleres%20Amaral%20dos%20Santos.pdf?sequence=4#:~:text=Arist%C3%B3teles%20desenvolve%20sua%20teoria%20da,especificidade%2C%20seja%20das%20cores%2C%20dos> Acesso em: 24 out. 2024.

SÃO PAULO. Instituto Butantã. **Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem**. [s.d] Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem> Acesso em: 18 out. 2024.

SILVA, C. A. A.S.; ASSÊNSIO, C. B. Setembro Azul: mobilização política nacional a favor das escolas bilíngues para surdos. **Ponto Urbe** [Online], 9 | 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1966>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1966>. Acesso em: 01 set. 2024

SILVA, B. V. et al. **A história do Setembro Azul ou Setembro Surdo: lutas e conquistas da comunidade surda.** Espaço do Conhecimento – UFMG. [s.d]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-historia-do-setembro-azul-ou-setembro-surdo/> Acesso em: 19 set. 2024.

STOKOE, W.C. **Sign language structure.** Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Editora UFSC: Florianópolis, 2008.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos.** Material didático desenvolvido para o curso de Letras-Libras EaD. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf Acesso em: 09 set. 2024.

SUTTON, V. **Lições em SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais.** Trad. Marianne Rossi Stumpf. Projeto SignNet CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA. [s.d.].

TV INES. **A Vida em Libras: História do Surdo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=97f2KhahLGM> Acesso em: 15 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. TelessaúdeRS (TelessaúdeRS-UFRGS). **Qual a diferença entre distanciamento físico, isolamento e quarentena?** Porto Alegre; 13 Jan 2022. Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acesso em: 17 set. 2024.

USP. Jornal da USP. **Dicionário da Língua de Sinais exigiu 25 anos de pesquisas.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/dicionario-da-lingua-de-sinais-exigiu-25-anos-de-pesquisas/#:~:text=O%20dicion%C3%A1rio%20documenta%2014.500%20sinais,de%20alhada%20da%20forma%20do%20sinal.> Acesso em: 25 out. 2025.

VILARINHO, K. P. B; PASCHOAL, T.; DEMO, G. Teletrabalho na atualidade: quais são os impactos no desempenho profissional, bem-estar e contexto de trabalho? **Revista do Serviço Público (RSP)**, Brasília 72 (1) 133-162 jan/mar 2021. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/issue/view/277> Acesso em: 15 set. 2024.